

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

JOSÉ ROBERTO MOREIRA

UMA IGREJA E UMA SOCIEDADE SEM EXCLUSÕES  
A Festa das Tendas na diocese de Lages

São Leopoldo

2010

JOSÉ ROBERTO MOREIRA

UMA IGREJA E UMA SOCIEDADE SEM EXCLUSÕES  
A Festa das Tendas na diocese de Lages

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós Graduação  
Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e Cuidado –  
Gestão e Redes Sociais

Orientador: Prof. Dr. Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M838i Moreira, José Roberto

Uma igreja e uma sociedade sem exclusões: a Festa das Tendas na diocese de Lages / José Roberto Moreira ; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

76 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Festa das Tendas. 2. Festas religiosas na bíblia. 3. Festas religiosas – Lages (SC). 4. Exclusão social – Aspectos religiosos. I. Wachholz, Wilhelm. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

## RESUMO

Este trabalho analisa a Festa das Tendas na diocese de Lages, localizada em Santa Catarina. Trata-se de uma celebração anual que iniciou no ano de 1997, no encerramento do Ano Bíblico Diocesano. De inspiração bíblica, esta festa visibiliza as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) como opção eclesiológica da diocese e aponta para o resgate de práticas de cuidado e solidariedade, de relações recriadas de superação das exclusões sociais e eclesiais. O primeiro capítulo descreve o processo de “armar tendas” na história da festa nos últimos 13 anos e aborda as origens bíblicas da Festa das Tendas, particularmente no Primeiro Testamento. A descrição dos rituais próprios da festa e suas características mais marcantes serão muito valiosos para a busca de novos significados da festa no contexto em que ela é celebrada. O segundo capítulo assume o desafio de “desarmar relações de exclusão” e questiona a presença de uma lógica de exclusão na Sociedade e na Igreja. Ao mesmo tempo, propõe a superação desta lógica pelas práticas do cuidado e da comensalidade. Estas duas práticas estão muito presentes em todas as edições da Festa das Tendas e expressam-se em muitas atitudes, tais como: a partilha dos alimentos, a gratuidade, a acolhida. A opção eclesiológica pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) inspira-se na teologia da Trindade Santa e apresenta uma alternativa para a lógica da exclusão, que pode ser superada pela participação em todos os níveis sociais e eclesiais. O terceiro capítulo apresenta algumas propostas de ação pastoral, confirmando este jeito novo de ser Igreja que as CEBs apontam e que a Festa das Tendas celebra. Na abertura para a realidade sócio-político e econômica, apresenta-se a criação de um novo contrato social que consolide uma cidadania plena e planetária, na perspectiva da construção de uma Igreja e uma Sociedade sem exclusões, justas, fraternas e solidárias; sinais do Reino de Deus.

Palavras-chave: Festa das Tendas. Exclusão. Cuidado. Participação.

## ABSTRACT

This work analyses the Feast of Tents at the Lages diocese, which is located in Santa Catarina. It is about an annual feast that started in 1997, from the end of the Bible Diocesan Year. From biblical inspiration, this feast provides for Ecclesial Communities of Base (CEBs), an ecclesiological option at diocese and points to the ransom of praxes in care and solidarity of recreated relationships from overcoming of the social and ecclesial exclusions. The first chapter reports the process of “put up tents” in the history of this feast in the last 13 years and also describes its biblical origins, particularly in the Old Testament. The description of its rituals and most remarkable characteristics will be very laconic so that we chase new meanings for this feast in the context how it’s celebrated by community. The second chapter treats about the challenge of “disarm relationships of exclusion” and inquires the presence of an exclusion logic in the Society and at Church. At the same time, it proposes the overcoming for this problem by praxes of care and comensalism. These two practices have been very present in all editions of the Feast of Tents and express themselves in many attitudes, such as the division of food, gratuity, reception. The ecclesiological option for the Ecclesial Communities of Base (CEBs) inspires itself in the theology of the Holy Trinity and presents an option for the purpose of resolving the logic of exclusion, which can be overcome through participation in all social levels. The third chapter proposes some pastoral actions that confirm a new way of being Church that the CEBs shows and the Feast of Tents celebrates. In the opening for the socio-political and economic reality, it is introduced the creation of a new social contract that consolidates a full citizenship and planetary, in the perspective of the construction of a Church and Society without exclusions, just, fraternal and supportive; signals of God’s Kingdom.

Key-words: Feast of Tents. Exclusion. Care. Participation.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>6</b>  |
| <b>CAPÍTULO I - ARMANDO TENDAS</b>  |           |
| 1. Na diocese de Lages: memória dos 13 anos de caminhada .....                                  | 8         |
| 2. Na história do povo da Bíblia .....  | 19        |
| <b>CAPÍTULO II - DES-ARMANDO RELAÇÕES DE EXCLUSÃO</b>   |           |
| 1. Discutindo e re-criando relações: cuidado e comensalidade .....                              | 31        |
| 1.1. Cuidado, frágil! .....   | 31        |
| 1.2. Comensalidade: pão para quem tem fome e fome de justiça para quem tem pão! ..              | 37        |
| 1.3. A comensalidade na prática de Jesus .....  | 40        |
| 2. Uma Igreja e uma Sociedade sem exclusões .....   | 45        |
| 2.1. Exclusão: categoria, realidade e relação .....   | 46        |
| 2.2. Trindade Santa: a melhor comunidade! .....   | 49        |
| 2.3. CEBs: a Trindade arma sua Tenda na história .....  | 54        |
| 2.3.1. Em nome do Pai: instaurar o Reino! .....   | 55        |
| 2.3.2. Em nome do Filho: re-inventar a Igreja! .....  | 56        |
| 2.3.3. Em nome do Espírito Santo: transformar a Sociedade! .....                                | 58        |
| 2.3.4. Amém: comungar e adorar o Mistério! .....  | 59        |
| <b>CAPÍTULO III - PARTICIPANDO NA CONSTRUÇÃO DE UMA IGREJA E DE UMA SOCIEDADE SEM EXCLUSÕES</b> |           |
| 1. Re-inventando um novo jeito de ser Igreja .....  | 61        |
| 2. Re-criando um novo contrato social .....   | 64        |
| <b>CONCLUSÃO .....</b>  | <b>68</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>71</b> |
| <b>ANEXO .....</b>  | <b>73</b> |

## INTRODUÇÃO

Uma Igreja e uma Sociedade sem exclusões é a utopia e o horizonte de sentido de muitas pessoas e grupos que acreditam que este mundo ainda tem jeito. No caminho, em direção a este horizonte, estão as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que surgiram na periferia da Igreja e da Sociedade para irromper como sacramento do Reino de Deus, utopia realizável de um novo céu e de uma nova terra.

Na diocese de Lages, da Igreja Católica Apostólica Romana, localizada na região serrana de Santa Catarina, as CEBs são assumidas como opção eclesiológica e visibilizadas numa celebração anual: a Festa Diocesana das Tendas. Eis o objetivo deste trabalho: investigar a Festa das Tendas como expressão celebrativa das CEBs na diocese de Lages e sua relação com a construção de uma Igreja e de uma Sociedade sem exclusões. Para alcançar este intento, iniciaremos com a descrição do itinerário histórico da Festa das Tendas e suas relações com a opção eclesiológica das CEBs. Valendo-nos da pesquisa documental, investigaremos todas as publicações diocesanas neste período de 13 anos, particularmente os arquivos do Secretariado Pastoral Diocesano e o Jornal Caminhada, periódico da Diocese de Lages, publicado mensalmente há 25 anos.

A Festa das Tendas foi celebrada, pela primeira vez, em 1997, no encerramento do Ano Bíblico Diocesano. Sua inspiração é, portanto, bíblica. Assim, no primeiro capítulo, além da memória histórica de todas as edições da Festa, dedicaremos um espaço para resgatar suas raízes e motivações bíblicas, percorrendo inclusive o caminho dos rituais que ainda hoje permanecem na religião judaica. O testemunho escrito, particularmente no Primeiro Testamento, dão conta da relevância desta festa para o povo da Bíblia e questionam a sua não inclusão no calendário cristão.

Após termos percorrido o caminho de “armar tendas” na diocese de Lages e na história do povo da Bíblia, no segundo capítulo nos dedicaremos ao desafio de “des-armar relações de exclusão” a partir da discussão de algumas categorias relacionadas com as

práticas decorrentes desta festa, principalmente cuidado e comensalidade. Para discutir cuidado, partiremos de uma abordagem ético-filosófica e seguiremos para uma abordagem bíblico-teológica, dialogando inclusive com outras tradições religiosas. A categoria comensalidade será discutida a nível antropológico-cultural e, posteriormente, compreendida dentro do movimento de Jesus e das práticas de comunhão de mesa das primeiras comunidades. Na segunda parte do capítulo enfrentaremos uma discussão a respeito da exclusão na Igreja e na Sociedade. Nossa compreensão partirá da exclusão como categoria e realidade e se ampliará para a exclusão como relação e lógica. O “paradigma trinitário” será o resultado da busca de um caminho para a superação da lógica de exclusão, revisitando a teologia cristã da Trindade Santa. Este será o fundamento da opção eclesiológica pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

No caminho aberto pela teologia trinitária, seguiremos no terceiro capítulo, com um olhar mais atento para a ação pastoral e social. Retomando a intuição de que a exclusão é superada pela participação, discutiremos propostas possíveis de participação na construção de uma Igreja e uma Sociedade sem exclusões. Aqui, buscaremos fundamentar com mais precisão a opção eclesiológica da diocese de Lages, uma vez que a Festa das Tendas se apresenta como celebração onde se visibiliza e publiciza o jeito de ser Igreja Comunidade Eclesial de Base. É neste capítulo que veremos com mais clareza que, na diocese de Lages não se pode falar de Festa das Tendas sem mencionar as CEBs e não se pode falar de CEBs sem referenciar a Festa das Tendas. Nisto reside a originalidade e a relevância sócio-eclesial do caminho que estamos fazendo. O fato de estarmos tratando de uma festa religiosa, celebrada desta forma apenas em nossa região, aumenta a nossa responsabilidade de manter a fidelidade às suas primeiras intuições e divulgá-la como possibilidade de uma vivência concreta de solidariedade e partilha, recriando relações sociais de cuidado, participação e cidadania plena.

Além da pesquisa documental e bibliográfica, o trabalho está permeado de informações que vem da observação participante do autor em todas as edições da Festa das Tendas e na caminhada pastoral das CEBs na diocese de Lages nos últimos anos. Esta presença testemunhal é capaz de perceber também ambigüidades e contradições, pois a celebração da Festa das Tendas, ao longo destes anos, não percorreu um caminho linear, mas histórico, processual e dialético. Na decorrer deste trabalho estará evidenciado o engajamento militante do autor que, sem ofuscar a objetividade da narrativa e da análise, poderão abrir caminho para uma leitura entusiasmada e comprometida.

## I - ARMANDO TENDAS...

### 1. Na diocese de Lages: memória dos 13 anos de caminhada

A primeira Festa Diocesana das Tendas aconteceu no dia 30 de novembro de 1997, no pátio do antigo Seminário Diocesano, em Lages, Santa Catarina. Tratava-se de uma concentração diocesana para celebrar o encerramento do Ano Bíblico<sup>1</sup>. Na primeira proposta de atividades para o Ano Bíblico, apresentada ao Conselho de Pastoral Diocesano, a Festa das Tendas (FT) é descrita como “uma semana, em algum bairro, pessoas voluntárias abrigadas em barracas à disposição para conversas, contatos pessoais, visitas às famílias, celebrações, orações, meditações, partilhas... É o lugar do consolo, da força, da amizade, da fraternidade e esperança; o lugar da experiência de Deus...”<sup>2</sup> Uma carta endereçada ao Conselho Pastoral Paroquial de todas as comunidades convocava para a primeira festa:

Anunciamos com alegria uma Boa Notícia: a Festa das Tendas! Convidamos a sua Comunidade Paroquial para participar desta que promete ser uma bela Concentração Diocesana. [...] cada Paróquia preparará esta Festa da maneira mais criativa. Construirá, com muito carinho, a “Tenda Paroquia”. Nesta Tenda será resgatada a história da paróquia, desde a sua fundação, os acontecimentos significativos, as comunidades que a constituem, os objetivos e prioridades, os desafios... Enfim, com cartazes, fotos, faixas, símbolos, etc..., vamos partilhar com as demais comunidades paroquiais a História da Salvação de Deus em nosso meio. Esta Tenda será transportada, pelo menos um dia antes (29/11) para o local da Festa. Além da Tenda Central de cada Paróquia, podem acompanhar outras tendas de comunidades, Pastorais ou Grupos. Quem quiser e puder pode

---

<sup>1</sup> Ano Bíblico foi o nome que se deu à uma série de atividades desenvolvidas na diocese de Lages em 1997. Dentre estas atividades destacou-se a formação bíblica em todas as comunidades, na linha da leitura popular da Bíblia. Para celebrar o encerramento destas atividades, toda a diocese foi convocada para uma festa de origem bíblica: a Festa das Tendas.

<sup>2</sup> CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. *Proposta para o Ano Bíblico*. Lages, 1997.

montar a sua tenda no local da concentração em qualquer dia daquela semana que precede a Festa (23 a 29 de novembro). Durante toda a semana haverá no local momentos de orações, celebrações, estudos bíblicos, conversas e partilha de nossas vidas...<sup>3</sup>

Celebrava-se neste ano, em toda a diocese, o Ano Bíblico, tendo como tema “Memória e Partilha das nossas comunidades” e como lema “A Palavra de Deus faz o sonho do povo brilhar”. A celebração de encerramento da primeira FT foi uma Celebração da Palavra, presidida por doze ministros e ministras de diversas comunidades da diocese, com a participação do bispo diocesano. Nesta celebração, a leitura bíblica (At 2,1-13) foi assim adaptada:

Eis que chegou o dia da Festa das Tendas do Povo de Deus na Diocese de Lages. Todos e todas estamos reunidos no mesmo lugar. De todos os recantos de nossa região vem um barulho parecido com um forte vendaval que enche o lugar onde nos encontramos. Sobre cada um e cada uma de nós repousa o Espírito de Deus em forma de sorriso, de abraços, de acolhida e amizade. No coração de cada um e cada uma de nós arde o fogo do entusiasmo e do amor. Repletos do Espírito Santo, no jeito de ser de cada mulher, de cada homem, criança e jovem, falamos todos a mesma língua, conforme o Espírito nos concede falar aqui na região serrana de Santa Catarina. Nesta região moram pessoas de todas as nações: somos da raça cabocla, indígena, negra, amarela e branca. Ao ouvirmos o barulho da Festa das Tendas nos organizamos e viemos nos reunir neste lugar. Cada uma de nossas comunidades paroquiais edificou a sua tenda, com o seu jeito próprio, partilhando com sua própria língua a história de sua caminhada pastoral, bem como suas comidas e bebidas típicas. [...] Somos de origens e histórias diferentes; cada um e cada uma com suas devoções, desejos e aspirações; cada um e cada uma com suas dores e alegrias, tristezas e esperanças... Nos encontramos no mesmo lugar. Muitos se perguntavam: “O que é isto: Festa das Tendas?” Alguns até diziam: “Isto não vai dar certo aqui para a nossa região. É idéia de louco, além do mais é época de muita chuva...” Estamos todos reunidos no mesmo lugar, na Festa das Tendas, embriagados pelo Espírito de Deus, expressando a mesma linguagem do Projeto da Igreja na Diocese de Lages: uma Igreja ministerial, participativa, ecumênica, celebrativa e missionária.<sup>4</sup>

A segunda FT aconteceu no dia 29 de novembro de 1998, no mesmo local do ano anterior, quando celebrava-se o Ano Diocesano da Juventude, com o lema “Juventude a serviço da Vida e da Esperança”. A presença massiva da juventude passou a ser, a partir desta data, uma das características significativas da festa.

A terceira festa mudou de endereço e foi realizada no pátio da paróquia Sagrada Família, na cidade de Lages, onde permaneceu até 2004. Nesta festa aconteceu a abertura

<sup>3</sup> CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. *Carta Pastoral*. Lages, 1997.

<sup>4</sup> CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. *Relatório Anual*. Lages, 1997.

do Ano Jubilar 2000 do nascimento de Jesus Cristo, com o tema: “Sonho e compromisso para um mundo sem exclusão” e o lema: “A Festa das Tendas nos faz irmãos: é Jubileu!”

O convite para a festa, que aconteceu no dia 28 de novembro, assim expressava:

O nosso Deus acompanhou o povo na caminhada de libertação da escravidão do Egito morando com eles em tendas. O tempo de vida partilhada nas tendas, período do tribalismo, foi o tempo da prática do projeto de Deus. Em seguida os profetas lembrarão e anunciarão sempre a volta do tempo das tendas. O tribalismo foi tempo de partilha do econômico, tempo de partilha do poder e de defesa da vida. Também Jesus, o Filho de Deus, se fez carne e armou sua tenda no meio da humanidade para que tivéssemos vida e vida em abundância.<sup>5</sup>

Por ocasião desta festa, o jornal Caminhada<sup>6</sup>, fez a primeira referência à FT, publicando um “desafio” de autoria de Rita Figueiró e Sebastião Ribeiro, lideranças da comunidade paroquial Santa Bárbara, do município de Anita Garibaldi, O desafio é um gênero musical-poético, muito comum na região serrana de Santa Catarina:

Nós estamos hoje aqui prá recordar a caminhada  
Que nas CEBs aprendemos a viver com a irmandade  
E trazemos a esperança prá este povo da cidade!

Prá este povo da cidade, juntos vamos aprender  
E pros Grupos de Família agora vamos dizer;  
Que a unidade e a igualdade, só vai ter que acontecer!

Vai acontecer quando todos vamos participar  
E sonhando todos juntos, este mundo melhorar  
Com a criança e a juventude aprendendo a partilhar!

Aprendendo a partilhar não vai haver mais pobreza  
Nossa vida será linda, com muito mais pão na mesa  
Quando o povo se organiza, isso nós já temos certeza!

Nós já temos certeza, mas a gente precisa dar as mãos  
A corrente fica forte, e não haverá mais opressão  
Nossa igreja será de todos, sem nenhuma exclusão!

Sem nenhuma exclusão, no Brasil “quinhentos anos”  
Negro, branco, homem e mulher, combatendo os tiranos  
E na festa do milênio, seja o mundo mais humano!

Nós viemos lá de Anita, com dois ônibus lotados  
Na terceira Festa das Tendas, onde vem gente de todo lado  
Prá vocês um grande abraço e o nosso muito obrigado!<sup>7</sup>

<sup>5</sup> CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. *Carta Pastoral*. Lages, 1999.

<sup>6</sup> O Jornal Caminhada é o periódico mensal da diocese de Lages, publicado desde 1985, com o objetivo de ser um instrumento de formação e informação para as lideranças e comunidades da diocese. Atualmente, o jornal tem uma tiragem de 9 mil exemplares.

<sup>7</sup> FIGUEIRÓ, Rita e RIBEIRO, Sebastião. “Desafios” na Festa das Tendas. Jornal Caminhada, Lages, p. 7, nov.-dez./1999.

A quarta FT aconteceu no dia 26 de novembro de 2000, animada pelo lema “É jubileu, o Verbo se fez carne, armou sua tenda entre nós e estamos vendo a sua glória” (Jo 1,14). Na carta enviada às comunidades, Dom Oneres, bispo diocesano, escreve a seguinte motivação:

A Festa das Tendas na Bíblia é a experiência que o povo de Deus fez de morar em tendas, buscando o exercício de relações igualitárias mesmo entre diferentes. O povo de Deus nas tendas organizava-se de forma colegiada, em conselhos. Fazia a partilha do pão e do serviço solidário aos mais necessitados, demonstrando, assim, que era possível se constituir uma sociedade outra que a dos poderosos. O movimento de Jesus continua o projeto das Tendas. Hoje, o povo serrano da Diocese de Lages, quer continuar este projeto, ligado às suas raízes em que ao redor do “fogo de chão” sentia e via a “sua glória”, pois: havia acolhimento da vizinhança e conversa na igualdade com contos, cantos e rezas; havia entre-ajuda nos trabalhos em mutirões e na partilha solidária da comida.<sup>8</sup>

Neste ano, aparece um registro de Avaliação da FT que, embora não datado, traz alguns dados interessantes como “o número de participantes em torno de 3.500”; pontos positivos: melhor organização, infra-estrutura, espaço e acolhimento nas tendas, divulgação da Festa; pontos a melhorar: ausência de 03 paróquias e de muitos padres, pressa em desarmar as tendas, sermão na celebração de encerramento, serviço de som.<sup>9</sup>

A quinta festa aconteceu no dia 25 de novembro de 2001, no Ano Missionário Diocesano, com o lema “Aqui você tem lugar!” e o tema “O verbo se fez carne e armou sua tenda entre nós” (Jo 1,14). O texto de motivação para a festa insiste na sua origem bíblica:

O povo que escreveu o livro da Bíblia era de uma realidade nômade. Devido às conseqüências climáticas e guerras com povos vizinhos, o povo de Deus foi se espalhando pelas regiões marcadas por culturas diversificadas. Para não perder a identidade de povo de Deus, reunia-se, a cada ano, na primavera, em Tendas, para recordar a língua, os costumes e celebrar a ação libertadora de Deus, que o salvou da opressão do Faraó egípcio, fazendo-o chegar à Terra Prometida na região de Canaã. Assim, com a chegada da primavera, a Festa das Tendas era um momento forte para o povo de Deus manter viva a memória, o sonho e o compromisso da Aliança de Deus com o seu povo: “*Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo*” (Lev 26,12). A partir deste fato bíblico, a diocese de Lages se inspirou e assumiu realizar a Festa das Tendas para tornar presente sua identidade de povo serrano, a memória e a tradição de sua fé cristã, conservar o sonho de uma sociedade sem exclusões, justa,

<sup>8</sup> CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. *Carta Pastoral*. Lages, 2000.

<sup>9</sup> CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. *Avaliação da Festa das Tendas*. Lages, 2000.

fraterna e solidária, bem como visibilizar alguns gestos que caracterizam a presença do Reino de Deus no meio das comunidades.<sup>10</sup>

Neste ano, o jornal Caminhada publicou, na edição de novembro, dois artigos sobre a Festa das Tendias. “Gente que faz Tendias” escrito por Maria Soave Buscemi, missionária leiga italiana e assessora bíblica da diocese e Festa das Tendias: Festa Missionária, escrito por Padre Hermes Tonini, pároco da comunidade Santa Bárbara, Anita Garibaldi. Os dois textos reforçam a origem bíblica da Festa das Tendias: o primeiro com um foco no Segundo Testamento<sup>11</sup> (At 18,1-3) e o segundo com um foco no Primeiro Testamento (Ex 23,16. 34,22; Dt 16,13; Nm 29, 12-38; Lv 23,29-44).<sup>12</sup> Um texto de avaliação da FT destaca o crescimento da festa, com a participação de aproximadamente 5 mil pessoas, a melhoria da infra-estrutura, da organização e do serviço de som, assim como a divulgação, a partilha, a tenda das crianças, o clima de alegria e o santuário de bênçãos que foi avaliado como muito bom. No que poderia ser melhor, cita-se a ausência de duas paróquias, a celebração eucarística, a presença de vendedores ambulantes. Dentre as sugestões, destaca-se o pedido para que “haja um local para atendimentos de confissões e aconselhamentos” e a preocupação com a produção de lixo: “pedir para os participantes trazerem talheres, copos, pratos... evitando o lixo exagerado”.<sup>13</sup>

A sexta FT aconteceu no dia 24 de novembro de 2002, com o tema “Servir a Vida na solidariedade” e o lema “Casa do Pão: Aqui você tem lugar”. O jornal Caminhada publica o mesmo texto de motivação do ano anterior e alguns lembretes para os participantes, dentre os quais destacam-se: trazer um compromisso em forma de oração e ofertar alimento não perecível; não será permitida, nas tendias e no recinto da festa, a venda de qualquer produto; é recomendável realizar a FT nas paróquias; trazer comidas típicas e incentivar os participantes a trazerem pratos, copos, talheres não recicláveis para ajudar na preservação da mãe terra. No artigo *Um convite para você*, Maria Soave Buscemi fazia memória da primeira festa e convidava para a sexta:

Embalados, embaladas pela força que vem da Vida e da Bíblia decidimos organizar uma festa que fosse o sinal do brilho do sonho do povo. Uma festa prazerosa, de partilha, de carinho, de comida, de alegria e música, de acampamento, de celebração da fé e da Ressurreição, enfim... uma festa de Graça... a Festa das Tendias! [...] Tendias das muitas cores, histórias, cantos, contos e

<sup>10</sup> CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. *Carta Pastoral*. Lages, 2001.

<sup>11</sup> Usamos as terminologias Primeiro e Segundo Testamentos por razões ecumênicas relativas aos judeus.

<sup>12</sup> JORNAL CAMINHADA. Lages, p. 3,6-7, nov./2001.

<sup>13</sup> CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. *Avaliação da Festa das Tendias*. Lages, 2001.

jeitos. Tendas das paróquias. Tendas para as crianças brincarem. Tendas para velinhos descansarem. Tendas de bênção. [...] A nossa festa das tendas, festa que celebra todos os anos a nossa caminhada em Comunidades Eclesiais de Base. A Festa das Tendas que inicia o tempo do Advento do Senhor, do Verbo que se fez carne e armou a sua tenda no meio do seu Povo amado. [...] Este ano, iremos fazer um grande mutirão de partilha! Pedimos que em cada tenda das paróquias tenha gente disposta a acolher, partilhar carinho, comida e... sabedoria... sabem, aquele sabor pela Vida e pelo Projeto de Deus que eu aprendi junto com vocês. Pedimos que em cada tenda tenha gente disposta a partilhar como anda a catequese e quem sabe partilhando trabalhos, jeitos, que catequistas, catequizandos e catequizandas estão caminhando em suas comunidades. Que os ministros e ministras da Palavra, do Matrimônio e do Batismo possam partilhar seus testemunhos, assim o pessoal da CPT, da Pastoral da Saúde... Os animadores e animadoras de Grupos de Famílias, das equipes de Liturgia, dos atingidos e atingidas por barragens, dos movimentos populares e pastorais sociais como todos os seguimentos (sic) da Igreja. Organizem-se no Conselho Paroquial para que tenha gente para partilhar a Caminhada da Comunidade e gente que possa ir, de tenda em tenda, aprendendo, perguntando, ouvindo! É só partilhando do que temos, sabemos, fazemos e sonhamos que podemos construir o mundo que Deus sonha!<sup>14</sup>

Nesta festa, pela primeira vez, aparece a distinção entre a Tenda da Bênção e a Tenda da Palavra e da Eucaristia, sendo que a primeira continua sob a responsabilidade do CEBl, da equipe de animação das CEBs e das Ministras da Bênção e a segunda é assumida pela equipe diocesana dos Ministros da Eucaristia.

A sétima festa aconteceu no dia 30 de novembro de 2003, com o tema “Vocação para um outro mundo possível” e o lema “Avancem para águas mais profundas” (Lc 5,4). Nesta festa, além das motivações do Ano Vocacional Diocesano, foi declarado aberto o Ano Jubilar pelos 75 anos de instalação da diocese de Lages. Além das motivações bíblicas já apresentadas nas festas anteriores, neste ano, a FT traz a novidade da cobertura com colcha de retalhos, confeccionadas a partir dos Grupos de Família:

Motivar e orientar os Grupos de Famílias (também outros grupos, movimentos...) a costurarem retalhos, que serão entregues ao Conselho Pastoral Comunitário (CPC), numa celebração. O CPC após unir e costurar os pedaços entregará ao Conselho Pastoral Paroquial (CPP), também numa celebração. O CPP após unir e costurar os pedaços maiores recebidos das comunidades terá uma grande “colcha de retalhos”, ou a grande “cobertura” para a Tenda Paroquial na Festa Diocesana das Tendas. Os Grupos de Famílias poderão se identificar com o nome no pedaço que juntou e costurou. Assim, o CPC poderá identificar a comunidade e, finalmente, o CPP identificará com o nome a paróquia.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> BUSCEMI, Maria Soave. *Um convite para você*. Jornal Caminhada, Lages, p. 3, nov./2002.

<sup>15</sup> JORNAL CAMINHADA. p. 11, set./2003.

O convite para a FT, publicado no jornal Caminhada, revela uma preocupação ecológica e solidária:

Renovamos o convite para a próxima Festa das Tendas lembrando de trazer pratos, talheres e copos não descartáveis para que nossa prática de festa e solidariedade não produza poluição e dor para a terra. Convidamos cada um e cada uma a trazer para a Festa 1 kg de alimento não perecível que será partilhado com famílias em luta pela terra acampadas em nossa diocese.<sup>16</sup>

A oitava FT aconteceu no dia 28 de novembro de 2004, com o tema “Na caminhada da Diocese de Lages corram como água a justiça e o direito” e o lema “O Espírito do Senhor está sobre nós!”. No editorial do jornal Caminhada, Dom Oneres refere-se à festa:

Dia 28, último domingo do mês, vamos realizar a 8ª Festa das Tendas. Festa em que as 23 paróquias se encontram para armar suas tendas, expondo e partilhando um pouco do resgate histórico, eclesiológico e profético de cada comunidade. Nesta festa serão encerradas as comemorações do Ano Jubilar, ano de pós-missão popular. [...] Algumas paróquias antecedem a realização da Festa das Tendas em nível diocesano, com uma Festa das Tendas Paroquial. Para este dia de confraternização, partilha, solidariedade e comunhão aguardamos a presença de todas as comunidades paroquiais.<sup>17</sup>

No texto de motivação para a festa, ao fazer o resgate bíblico da Festa das Tendas, corrige-se o tempo em que a mesma era celebrada. Não mais no tempo da primavera, mas “na chegada do outono, final da época das colheitas”.<sup>18</sup>

A nona FT aconteceu no dia 27 de novembro de 2005, no pátio da paróquia São Cristóvão, em Lages. Dentro da programação do Ano Eucarístico e da devolução para as comunidades das novas Diretrizes e Orientações da Ação Evangelizadora da diocese, esta festa teve por tema “Eucaristia, Diretrizes e Orientações Diocesanas” e por lema “Recriando Vida na partilha da Palavra e do Pão”. Neste ano, o jornal Caminhada registra a realização da 6ª FT na paróquia Santa Bárbara, em Anita Garibaldi<sup>19</sup> e traz depoimentos e fotos de participantes da 9ª FT diocesana.<sup>20</sup>

---

<sup>16</sup> JORNAL CAMINHADA. p. 12, nov./2003.

<sup>17</sup> MARCHIORI, Oneres. *Jornal Caminhada*, p. 2, nov./2004.

<sup>18</sup> JORNAL CAMINHADA. p. 10, nov./2004.

<sup>19</sup> JORNAL CAMINHADA. p. 4, dez./2005.

<sup>20</sup> JORNAL CAMINHADA. p. 6-7, dez./2005.

Em 2006, com as motivações do Ano Catequético Diocesano e da Missão Jovem, a décima festa foi celebrada com o tema “No seguimento e na missão de Jesus: Deus conosco!” e o lema “Festa das Tendas: Esta é a nossa hora!”. A paróquia São Cristóvão, que havia celebrado sua 6ª FT paroquial no dia 30 de abril,<sup>21</sup> acolheu a FT diocesana no dia 26 de novembro. O jornal Caminhada, com o artigo *Festa das Tendas: o cheiro de uma Igreja e de uma Sociedade sem exclusões*, faz memória da festa na diocese de Lages e retoma suas motivações bíblicas:

Durante o ano bíblico de nossa diocese cantávamos que a Palavra de Deus é Palavra de Deus quando faz o Sonho do Povo brilhar. [...] Nossa tradição de fé diocesana, fé fortalecida na caminhada dos Grupos de Família, caminho do Espírito e da Prática de Jesus que constroem as Comunidades Eclesiais de Base, nos impulsionavam para celebrar, com sinais visíveis esta caminhada de comunidades que fazem da Boa Notícia uma Boa Realidade na prática da construção de uma Igreja e de uma Sociedade sem exclusões, justas, fraternas e solidárias. Olhamos então para a caminhada dos nossos pais e mães na fé. Olhamos para a história do Povo de Deus, lá encontramos uma festa de memória e de partilha: a Festa das Tendas. Esta festa, se fez festa em nossa diocese. Esta festa se fez sinal sacramental de nossa caminhada diocesana em Grupos de Família. Esta festa é o sinal visível do que entendemos por Comunidades Eclesiais de Base. Um lugar físico de vizinhança, um lugar de acolhida e de aconchego, um lugar de partilha e celebração, um lugar de memória e sonho, um lugar de compromisso e profecia na construção de outro-este mundo possível. [...] Habitar em tendas é a memória da precariedade do deserto. Mas a oferta dos frutos da terra representa celebrar a vida na terra, cuja grandiosidade só pode ser compreendida e celebrada por quem compreende o caminho do deserto e a fragilidade das tendas. [...] Celebrar a Festa das Tendas é retomar a caminhada do povo no deserto, rumo a Terra Prometida. Celebrar a Festa das Tendas é assumir a missão de construir um mundo sem exclusões. Celebrar a Festa das Tendas é habitar na grande tenda, inaugurada por Jesus Cristo, onde a humanidade com suas diferenças é acolhida e partilha a paz e a irmandade.<sup>22</sup>

Nesta festa, ficou bem mais visível a participação da Pastoral da Juventude que assumiu a acolhida das comunidades e a animação de toda a festa. Na edição de dezembro do Jornal Caminhada, aparece a notícia da realização da 1ª FT na paróquia São Pedro Apóstolo, em São José do Cerrito<sup>23</sup> e, na mesma edição, a poesia *História da Festa das Tendas*, escrita pelo Padre José Euclides de Oliveira, da paróquia Santa Ana, de Ponte Alta<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> JORNAL CAMINHADA. p. 12, jun./2006.

<sup>22</sup> JORNAL CAMINHADA. p. 6-7, nov./2006.

<sup>23</sup> JORNAL CAMINHADA. p. 12, dez./2006.

<sup>24</sup> Veja Anexo.

Em 2007, a FT, pela primeira vez, foi celebrada fora da cidade de Lages. A décima primeira festa aconteceu na paróquia de Otacílio Costa, há 45 quilômetros de Lages, com o lema “Partilhando Vida e Esperança”. Este também era o lema do Pixirum Diocesano das Comunidades Eclesiais de Base, que consistiu em 13 encontros celebrativos realizados de março a julho de 2007 em todas as comunidades paroquiais e regiões pastorais da diocese, tendo em vista a realização do 10º Encontro Estadual das CEBs, em Lages, nos dias 18 a 20 de abril de 2008. Convidando para a festa, assim escreve Dom Oneres no jornal Caminhada:

Neste mês de novembro acontecerá a 11ª Festa Diocesana das Tendras. Neste ano, ela será realizada em Otacílio Costa, no local chamado Parque Cambará, já conhecido de muitos. A data é 25 de novembro. A data coincide com a padroeira de Otacílio Costa, Santa Catarina. Coincide também com o Jubileu de Ouro da Paróquia: 50 anos de caminhada! Terá como lema: “*Partilhando Vida e Esperança!*” Otacílio Costa está vibrando com a expectativa desta festa, a primeira que não acontece em Lages. Mas, diga-se de passagem, não é só Otacílio Costa que vibra. Toda a Diocese já vive o clima do Encontro, através da preparação que acontece. Certamente nenhuma paróquia estará ausente, levando muita alegria, partilhando alimentos, experiências, “causos” e histórias. Rezemos para que o dia seja muito bom e rico de comunhão e fraternidade.<sup>25</sup>

Na mesma edição do jornal Caminhada, no artigo *Festa das Tendras: é Festa de Pixirum*, Padre Hermes Tonini faz referência à 20ª Romaria Estadual da Terra e da Água, realizada em setembro, no Assentamento Pátria Livre, há 17 quilômetros de Lages:

Na acolhida da XX Romaria da Estadual da Terra e da Água, na região serrana, foi de grande visibilidade desse jeito Pixirum e de Tendras de fazer memória e de comprometer-se como Povo de Deus em nosso Estado que caminha e constrói história. Confirmando e retomando o caminho de Jesus, no qual Deus se faz presente restaurando a sua justiça na relação entre as pessoas, com a terra, as águas, as criaturas... Deus se faz presente com sua graça possibilitando para a humanidade um novo começo, no caminho da libertação e da felicidade, nas lutas de todos os empobrecidos e empobrecidas que acreditam que um outro mundo é possível.<sup>26</sup>

Na edição de dezembro, o jornal Caminhada publicou algumas fotos e testemunhos da décima primeira Festa das Tendras, que reuniu cerca de seis mil pessoas:

Partilha... Esta é a palavra que mais se ouve na Festa das Tendras. E não foi diferente em Otacílio Costa, no dia 25 de novembro. Era festa de Cristo Rei e, no colorido das colchas de retalho, acolhemos em nossas tendras a boa notícia do Reino de

<sup>25</sup> MARCHIORI, Oneres. *Jornal Caminhada*. p. 2, nov./2007.

<sup>26</sup> TONINI, Hermes. *Festa das Tendras: é festa de pixirum*. *Jornal Caminhada*. p. 6, nov./2007.

Deus que se faz boa realidade em cada gesto de partilha e irmandade, em cada compromisso com a construção de uma igreja e uma sociedade sem exclusões e, neste tempo de Advento, em cada sinal de Deus que vem armar sua tenda entre nós. Com Ele, seguiremos por outro caminho! O caminho dos Grupos de Família-CEBs, o caminho da justiça e da paz, o caminho da profecia, o caminho do serviço misericordioso aos irmãos e irmãs mais empobrecidos... [...] A forte pancada de chuva que caiu mais uma vez no fim da missa, lavou nossos corpos e nossas almas. Foi água boa para nos lembrar que somos gente boa e temos a nossa tenda armada numa terra que é boa e é nossa. Por isso, vestiremos a camisa do 10º Encontro Estadual das CEBs e seguiremos o caminho do Pixirum das CEBs, até o dia 20 de abril de 2008, quando celebraremos a Romaria Diocesana das Comunidades Eclesiais de Base.<sup>27</sup>

No ano de 2008, dentro da programação do Ano Paulino – por ocasião dos dois mil anos do nascimento do Apóstolo Paulo – a décima segunda Festa das Tendas aconteceu no dia 30 de novembro, na Paróquia São Paulo Apóstolo, há 130 quilômetros de Lages, no município de Celso Ramos. Na celebração de abertura, com uma colcha de retalhos resgatada das primeiras festas, a juventude passou em todas as tendas motivando para que cada comunidade participasse do gesto de “alagar a tenda”, costurando um pedaço de sua própria tenda à colcha de retalhos. Com este gesto simples, no primeiro domingo do Advento, abriu-se também o ano de celebração dos 80 anos de criação da diocese de Lages, que traz por lema “Alarga o espaço de tua tenda” (Is 54,2a). Durante todo o dia, o que se viu foi um grande momento de partilha, acolhida, solidariedade. As tendas eram lugar de gratuidade, encontro, preparação de comida para ser repartida, confraternização, bênção e carinho. A alegria de se encontrar, rezar juntos, dividir a mesma sombra das árvores, sorrir e brincar contagiava a todos. E além da partilha de comida em todas as tendas, havia também uma tenda que recebia doações de alimentos e água para os milhares de desabrigados com as enchentes ocorridas há uma semana no litoral catarinense. Na Celebração Eucarística, Dom Oneres apresentou as motivações da festa:

O lema “Com o Apóstolo Paulo, somos fabricantes de tendas”, escolhido para esta ocasião foi buscado nos Atos dos Apóstolos, capítulo 18, verso 03, onde lemos: “E como eram da mesma profissão – fabricantes de tendas -, Paulo passou a morar com eles e trabalhavam juntos”. Eles eram Áquila e Priscila, pagãos que se converteram ao cristianismo. Na sua casa nasceu a comunidade de Corinto.

O que é uma tenda? É um espaço provisório, simples, humilde, armado para acolher pessoas, famílias, dando-lhes abrigo e proteção. Olhando o Povo escolhido nas narrações da Bíblia, vemos que por quarenta anos ele peregrinou pelo deserto,

<sup>27</sup> JORNAL CAMINHADA. p. 7, dez./2007.

abrigando-se sobre tendas, partilhando a vida nômade, vivendo os desafios do imprevisto, da pobreza, comendo o maná que Deus lhes enviava, praticando a Lei do Senhor Javé, o Deus Libertador.

Esta lembrança que buscamos na longínqua história do Povo eleito, ajuda-nos muito a compreender porque “somos fabricantes de tendas”. Ser fabricantes de tendas não é só um trabalho manual, é também um ministério na comunidade. Ser fabricante de tendas é a vocação de quem está no seguimento de Jesus. Ser fabricante de tendas significa colocar na sacola da vida exclusivamente o essencial, aprendendo a viver do necessário. [...]

Irmãos e Irmãs! Vamos alargar o espaço de nossa tenda. Nela aprendamos a abrigar todos e todas, especialmente, os excluídos, os sem terra, os famintos, os sem comida, sem água, os sem consolo. Não nos deixemos abater pelas adversidades. Somos filhos e filhas da esperança, pois, sabemos que como filhos e filhas de Deus, habitaremos nova terra e novos céus. Nossa tenda é feita de retalhos. São os retalhos da vida, pois, a vida é feita de retalhos. Retalhos bonitos, coloridos. Juntos formam a beleza da tenda. Oxalá saibamos montar nossas tendas com os retalhos que a vida apresenta. Que São Paulo nos ilumine e abençoe!<sup>28</sup>

Em 2010, aconteceu a décima terceira FT na paróquia São Pedro, em São José do Cerrito. Com o lema bíblico “Alarga o espaço de tua tenda” (cf. Is 54,2a), esta festa marcou o encerramento das celebrações dos 80 anos de caminhada da diocese de Lages. Mais uma vez, foi marcante a presença da juventude que, nesta festa organizou o Acampamento da Juventude Serrana:

Foi um momento muito especial de rever a juventude, conversar sobre nossos anseios e lutas e sonharmos com os olhos fitos no horizonte com um outro mundo possível, onde a juventude pode e deve ser protagonista. Esteve presente um número significativo de jovens, vindos de diversas Paróquias da Diocese. A juventude veio com a bagagem cheia de alegria e dinamismo e assim partilhamos a vida e a alegria de ser jovem! Na Festa das Tendas, no domingo, a juventude continuou presente. Em nossa Tenda rostos cheios de ternura e esperança na certeza de que a caminhada deve seguir firme.[...] Carinhosamente agradecemos a toda a juventude que se fez presente no Acampamento e na Festa das Tendas. Com certeza alargamos nossos espaços e encontramos mais força para continuar buscando nosso lugar na Igreja e na Sociedade, tendo em Jesus Cristo nosso modelo de vida e seguimento. Queremos ser jovens anunciadores da Boa Nova de Jesus Cristo, acreditando no valor da comunidade e do protagonismo juvenil para a realização de nossos sonhos e de um outro mundo possível.<sup>29</sup>

<sup>28</sup> JORNAL CAMINHADA. p. 6, dezembro/08

<sup>29</sup> JORNAL CAMINHADA. p. 11, dezembro/09

## 2. Na história do povo da Bíblia

Nas culturas mais antigas, morar em tendas ou em casas é o que distingue os povos nômades dos agricultores. A língua hebraica distingue a tenda (*'ohel*) da casa (*bayit*). Os pais e mães do povo de Israel eram pastores nômades e moravam em tendas. A tenda é o lugar onde se realiza de forma eminente a coesão do grupo familiar e o acolhimento do hóspede (cf. Gn 18 1-5). Estar sob a tenda significa gozar do direito de inviolabilidade. O hóspede é pessoa sagrada e intocável. Somente depois da chegada a Canaã é que começaram a viver em casas e a cultivar a terra. Mesmo assim, a tenda assume um significado simbólico muito usado para indicar a casa, a pessoa e a vida (cf. Jr 10,20; Lc 16, 9; 2Cor 5,1.4), bem como o lugar privilegiado da manifestação de Javé, uma vez que o Deus de Israel habita numa tenda (cf. Ex 40,34-38). Segundo Mckenzie, “morada” e “encontro” são duas palavras, no hebraico, para nomear tenda:

[...] *mishkan* “morada”, significa que a tenda é o lugar onde lahweh habita no meio de seu povo. Este é o termo do templo comum no antigo Oriente Médio. O outro nome, *'ohel mo'ede*, “tenda do encontro”, é mais propriamente israelita. O “encontro”: não é o dos homens em assembléia cultural, porém o encontro de lahweh com Israel mediante Moisés. A tenda é o lugar da revelação.<sup>30</sup>

Nas culturas nômades, a tenda é símbolo da mobilidade e da itinerância, da convivência e do acolhimento. O nomadismo, para Bosseti, era também uma experiência de liberdade pois, diferente do sedentário, constrangido a fincar raízes em um lugar determinado, o nômade não se prende a lugar nenhum, mesmo tendo pontos de referência como nascentes e poços: “Sua casa era a tenda, uma morada ágil e portátil, que ele podia colocar onde julgasse oportuno e não o condicionava na retomada da caminhada.”<sup>31</sup> A tenda, como a casa, significa proteção e intimidade, mas, diferentemente da casa, é uma habitação funcional móvel. Uma habitação que dá ritmo às etapas do caminho. A tenda não é fincada de modo estável; é feita para ser deslocada. A flexível estrutura permite que se ampliem as dimensões, de acordo com o número de integrantes do clã, e que seja deslocada de um lugar para outro, segundo as exigências da vida nômade. Assim, o Deus de Israel, que caminha com seu povo, também é recebido no acampamento (cf. Ex 19,17) e ali estabelece a Aliança, como relação sponsal. Segundo um belíssimo Midrash de Ex 25,2, a tenda de Javé é armada porque ele não consegue separar-se da Torah que deu ao povo:

<sup>30</sup> MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. Tradução de Álvaro Cunha et al. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 919.

<sup>31</sup> BOSSETI, Elena. *A tenda e o bastão: figuras e símbolos da pastoral bíblica*. Tradução de Floriano Tescarolo. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 22.

Pode-se imaginar um contrato onde o vendedor é vendido juntamente com seus bens?, como é dito: *Dize que façam de mim uma contribuição* (Ex 25,2). Isto pode ser comparado à filha única de um rei que um outro rei desposou. Quando este desejou voltar a seu país levando consigo a esposa, o pai lhe disse: “Minha filha, que te dei, é minha única criatura. Não me posso separar dela, mas também não posso te dizer: ‘Não a leve contigo’, visto que é agora tua mulher. Peço-te, porém, um favor. Onde quer que passes a viver, tenha sempre preparado um quarto para mim, para que eu possa me demorar contigo, visto que não posso viver longe de minha filha”. Assim Deus disse a Israel: “Eu vos dei a *Torah*, da qual não posso me separar, como também não vos posso dizer de não pegá-la. Isto vos peço: onde quer que fores, fazei-me uma Habitação onde eu possa me demorar”. Como está dito: *Faze-me um santuário, para que eu possa habitar no meio deles* (Ex 25,8).<sup>32</sup>

A execução deste pedido de Javé é atribuída a Moisés e ocupa grande parte do livro do Êxodo (24, 12 - 31, 18. 35 - 40). É uma narrativa sacerdotal elaborada após o exílio na Babilônia, quando o culto tornou-se muito importante para preservar as tradições religiosas judaicas e manter a própria identidade frente à dominação persa. Embora esta narrativa, com uma riqueza de detalhes, faça uma espécie de transposição da construção do templo para o passado nômade de Israel, tanto os dados bíblicos como as informações extrabíblicas tornam a existência de uma tenda-santuário primitiva portátil não somente possível, mas extremamente provável:

As tradições de Israel indicam que a forma primitiva deste santuário central era uma tenda, e não uma construção, e essas tradições se encontram em documentos anteriores à fonte sacerdotal mais tardia. Da fonte J há um relato de uma “tenda de encontro” que estava fora do acampamento vigiada por Josué, onde Moisés recebia a revelação divina (Ex 33,7-11). A tenda, como lugar de revelação aparece de novo em Nm 11,24s; 12,4-10; 14,10. [...] A tenda existia ainda no começo do reinado de Salomão, e Joab se refugiou ali como num santuário (1Rs 2,28s). Quando terminou o templo de Salomão, a arca foi transferida da tenda para o templo (1Rs 8,4). Este testemunho bíblico é confirmado pela existência de tendas-santuários portáteis entre os nômades do deserto sírio que estavam ainda em uso em tempos recentes.[...] Estas tendas-santuários precediam o movimento das tribos e os seus ataques na guerra, e por coincidência notável muitas delas tinham uma cobertura de couro como a tenda de Ex 26,14; 36,19.<sup>33</sup>

Além de ser um lugar de encontro familiar, hospitalidade e revelação de Deus, a tenda é também lugar de acolhida do diferente (estrangeiro) e aprendizagem da partilha do poder. A este respeito é significativo o episódio de Ex 18, onde aparece a narrativa da visita

<sup>32</sup> BOSSETI, 1995, p. 95-96.

<sup>33</sup> MCKENZIE, 1983, p. 920

de Jetro, sacerdote de Madiã e sogro de Moisés. Desta forma, na tenda onde Deus manifestou sua admirável presença (“shekinah”), não só Israel, mas todos os povos da terra acharão acolhida e o reconhecerão como Deus libertador: “Seja bendito Javé, que libertou vocês do poder dos egípcios e do Faraó. Ele arrancou este povo do poder do Egito. Agora eu sei que Javé é o maior de todos os deuses, pois quando eles tratavam vocês com arrogância, Javé libertou o povo do domínio egípcio”.<sup>34</sup> Esta abertura da tenda para uma perspectiva universal, para além das fronteiras de Israel, aparece claramente na profecia de Isaías:

Cante de alegria, estéril que não dava à luz; exulte com alegre canto, você que não tinha dores de parto, porque a mulher abandonada terá mais filhos que a casada, diz Javé. Alarga o espaço de sua tenda, ligeira estende a lona, estique as cordas, finque as estacas, porque você vai se estender para a direita e para a esquerda, seus filhos herdarão nações e povoarão cidades desabitadas. [...] Mesmo que os montes se retirem e as colinas vacilem, meu amor nunca vai se afastar de você, minha aliança de paz não vacilará, diz Javé, que se compadece de você.<sup>35</sup>

Este texto, primeiramente confirma que “montar e desmontar a tenda é trabalho das mulheres, que o fazem muito depressa; o martelo para as estacas da tenda é um utensílio doméstico”.<sup>36</sup> Depois, e não menos importante, anuncia que a Aliança libertadora de Deus se estende, se alarga e acolhe todos os povos da terra. Relembrando que este texto está situado no tempo do exílio da Babilônia, quando o povo de Deus retomava a memória do Êxodo e da vida em tendas, Buscemi afirma:

Neste tempo de conversão, depois da terrível experiência do pecado de ter acreditado nos reis e em seus sacerdotes, nos poderosos estrangeiros donos de palácios e templos que originavam os exílios, eram os profetas e profetisas que ajudavam, no meio do Povo, a perceber que a libertação acontece para todas as pessoas. Para o Deus Libertador que “desce” dos tronos e dos poderes arrogantes onde nossa imaginação mesquinha o colocou, não existe um povo escolhido por nação ou raça, mas todas as pessoas, a partir das mais pobres, frágeis e oprimidas, são amadas por Deus que é Libertador. Por este motivo assim escreve o profeta Amós no capítulo nove de seu livro *“Por acaso, israelitas para mim vocês são diferentes dos cuchitas? Eu não tirei Israel da terra do Egito? Mas, também não tirei os filisteus de Cáftor? E não fiz os arameus saírem de Quir?”* (Am 9,7)<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> Ex 18, 10-11

<sup>35</sup> Is 54,1-3.10

<sup>36</sup> MCKENZIE, 1983, p. 919

<sup>37</sup> BUSCEMI, Maria Soave. *80 anos de caminhada diocesana nos ensinam a alargar o espaço de nossas tendas*. Texto apresentado e estudado na Reunião do Conselho Pastoral Diocesano. Lages, mar/2009. p. 2.

No caminho das tendas, Deus revela o seu rosto. O Deus libertador também é nômade. Ele “desce” (Ex 3,7) e acampa junto ao seu povo. Deus Libertador não mora nos palácios e templos dos poderosos senhores e dos arrogantes sacerdotes: sua morada é o espaço frágil, provisório e acolhedor de uma Tenda. Por isso, insiste Buscemi, a profecia nasce para denunciar “este deus inventado pelos reis e sacerdotes de palácios e templos, um deus exclusivo e excludente que acolhia apenas os pertencentes ao povo de Israel” e para lembrar o verdadeiro rosto de Deus Libertador:

Por acaso, gente que se acha pura e justa porque mora ao redor dos palácios e do templo de Israel, vocês pensam que eu amo só vocês e não amo o povo de Cush, isto é o povo empobrecido do lugar que hoje é a África, a Etiópia? Vocês que se sentem tranquilos em suas doutrinas e certezas pensam que só para vocês é assegurada a salvação pelo fato de cumprirem leis e frequentarem templos? Eu libertei também quem vocês consideram pecador e impuro! Vocês que moram à sombra de templos e palácios e se arrogam o direito à salvação, eu digo a vocês que eu tirei da terra da escravidão também o povo de Caftor (isto é, os caftorim, a tribo de descendência da ilha de Creta onde, desde os tempos mais antigos, a sociedade não era alicerçada na violência. Muitos estudiosos dos povos do Oriente Médio antigo acreditam que os caftorim sejam os antepassados do povo palestino). Vocês que vivem na arrogância de excluir quem consideram “impuro”, quero lembrar a vocês que eu libertei da escravidão também o povo de Quir, isto é o povo arameu, de Ar, ou também chamada Ur, de Moab (na história da Bíblia, Moab é a terra das pessoas estrangeiras, a terra também das pessoas empobrecidas, como é a história de Ruth...!)<sup>38</sup>

No Segundo Testamento, Jesus é a Palavra de Deus que se encarnou e armou sua tenda entre nós (cf. Jo 1,14). Ele é o ministro da tenda verdadeira, armada pelo Senhor (cf. Hb 8, 2); tenda maior e mais perfeita, que não é obra de mãos humanas (cf. Hb 9,11). As pessoas que o seguem, na fé, assumem a condição de “*estrangeiros e peregrinos sobre a terra... em busca de uma pátria*” (cf. Hb 11, 13-14). Na pessoa e na prática de Jesus se realizam as profecias de um céu novo e uma terra nova (cf. Is 65, 17), quando se fazem novas todas as coisas:

Nisso, saiu do trono uma voz forte. E ouvi: “Esta é a tenda de Deus com os homens. Ele vai morar com eles. Eles serão o seu povo e ele, o Deus-com-eles, será o seu Deus. Ele vai enxugar toda lágrima dos olhos deles, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor. Sim! As coisas antigas desapareceram!” Aquele que está sentado no trono declarou: “Eis que faço novas todas as coisas”.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> BUSCEMI, 2009. p. 3.

<sup>39</sup> Ap 21, 3-5

A FT é a terceira das grandes festas no calendário judaico. Nos textos mais antigos, é a festa das colheitas (no hebraico, *asip*), celebrada no 7º mês de Tishrê (entre setembro e outubro), quando o tempo da primavera e do outono se unem: “...e a festa da Colheita, no fim do ano, quando recolheres dos campos o fruto dos teus trabalhos.”<sup>40</sup> “...e a festa da colheita na passagem do ano.”<sup>41</sup> Trata-se, portanto, de uma festa agrícola, celebrada no fim das colheitas das azeitonas e das uvas, que também coincide com a passagem de um ano para outro. Por causa da grande variedade climática da Palestina, as épocas de colheitas variavam de um ano para outro e mesmo de uma região para outra. Posteriormente, com o processo de sedentarização de Israel, a mesma festa passa a ser chamada de “tendas” ou “cabanas” (no hebraico, *sukkot*<sup>42</sup>), reunindo o costume antigo de morar em tendas no período da colheita com a memória da caminhada do povo pelo deserto:

Celebre a festa das tendas durante sete dias, depois de ter recolhido o produto de sua colheita de cereais e de uva. Faça uma festa alegre com seu filho e sua filha, seu escravo e sua escrava, o levita e o imigrante, o órfão e a viúva que vivem em suas cidades. Durante sete dias você festejará em honra de Javé seu Deus, no lugar que Javé tiver escolhido; pois Javé seu Deus vai abençoá-lo em todas as suas colheitas e em todo trabalho de sua mão, para que você fique cheio de alegria.<sup>43</sup>

Desde o dia quinze do sétimo mês, quando vocês tiverem feito a colheita, celebrarão a festa de Javé durante sete dias. O primeiro e oitavo serão dias de repouso. No primeiro dia, vocês pegarão frutos das melhores árvores, cortarão ramos de árvores para enfeite, ramos de palmeiras, ramos de árvores frondosas e de salgueiros, e farão festa durante sete dias na presença de Javé, o Deus de vocês. Vocês celebrarão esta festa dedicada a Javé durante sete dias por ano. É uma lei perpétua para os seus descendentes, e será celebrada no sétimo mês. Vocês morarão em cabanas durante sete dias; todos os naturais de Israel morarão em cabanas, para que seus descendentes saibam que eu fiz os filhos de Israel habitar em cabanas quando os tirei do Egito. Eu sou Javé, o Deus de vocês.<sup>44</sup>

Os textos mais recentes referem-se a esta festa de outono como “festa de lahweh” (cf. Jz 21,19; Os 9,5; Lv 23,39), ou simplesmente “a festa” (cf. 1Rs 8,2.65; 12,2; 12,32; Ez 45,25):

---

<sup>40</sup> Ex 23,16

<sup>41</sup> Ex 34, 22

<sup>42</sup> O termo *sukkot*, plural de *sukká*, aparece em Dt 16,13.16 e significa “choupanas”, referindo-se aos abrigos de ramos e folhas construídos nos vinhedos quando a safra está quase madura. Durante a colheita, que era sempre acompanhada de canções e danças, o vinicultor acampava, com toda a sua família, entre as videiras. Denota-se aqui uma forte influência cananéia (cf Jz 9,27).

<sup>43</sup> Dt 16, 13-15

<sup>44</sup> Lv 23, 39-43

A denominação “Festa de Javé” supõe que a F. já ocupava um lugar importante na religião dos israelitas: incluía provavelmente uma renovação da aliança do Sinai. Tal renovação se enquadrava muito bem no outono: os dons recebidos inspiravam gratidão, mas sentia-se também a necessidade de garantir a benção de Javé que pelo dom das chuvas devia possibilitar a colheita do próximo ano.<sup>45</sup>

Nunca é demais ressaltar que, diferentemente dos outros povos, o deus hebraico não se identificava com a natureza; agia por meio dela, mas não era a natureza. Assim, mesmo as festas de origem agrícola, como a Festa das Tendões, comuns à maioria dos povos, entre os judeus adquiriram um caráter único: ser um tempo forte de encontro com o Deus único, que regia a natureza, permitia ao homem os benefícios da terra, mas, diferente dos outros deuses, estabelecia uma relação com o ser humano. Também o conceito de um Deus único, totalmente diferente dos outros deuses, foi se formando aos poucos. Por muito tempo, Israel adotou conceitos e formas culturais semelhantes à de seus vizinhos, inclusive não negando a existência de outros deuses, embora a esses não fossem atribuídos os mesmos poderes do Deus de Israel. Assim, a experiência judaica de Deus, estabelece um caráter ético-relacional à religião que se explicita, sobretudo, nas celebrações e nas festas e cujo sentido perdura, mesmo na modernidade. É o que nos descreve Coelho, com uma profusão de detalhes:

Muitas famílias em Israel constroem a sua cabana. Logo após o Yom Kipur<sup>46</sup>, inicia-se a construção de uma tenda no jardim ou no terraço das casas. Ela deve ter o tamanho suficiente para que a família possa passar parte do dia dentro dela e fazer ao menos uma refeição. As famílias que não possuem espaço para tal constroem uma sucá comunitária numa praça ou num espaço comum, [...] Muitos restaurantes em Israel costumam fazer as suas sucot para atender os viajantes que não tem possibilidade de fazer suas refeições na sua própria sucá. A sucá deve ter três lados, pois um deles tem de estar sempre aberto. Deve ter altura suficiente para que as pessoas possam ficar de pé. O teto é feito com ramos de forma que o céu possa sempre ser visto pelas frestas. Isso simboliza a fragilidade da sucá e da vida de todo ser humano sobre a terra. Dentro da tenda há sempre uma mesa e cadeiras para que as pessoas possam comer, estudar, conversar. Há ainda uma cadeira vazia, diferente das outras, reservada para a Torá e para os livros religiosos. A decoração normalmente é feita pelas crianças e reforça o sentido pedagógico da festa: cartazes, desenhos, trabalhos de dobradura em papel colorido,

<sup>45</sup> VAN DEN BORN, A. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes. 1977, p. 1465.

<sup>46</sup> Dia da Expição, celebrado quatro dias antes da Festa das Tendões.

tapetes e panos decoram o interior da sucá, traduzindo o caráter alegre de Sucot.<sup>47</sup>

Armar e preparar a tenda, portanto, é um ritual que já faz parte da festa. Desde os tempos mais remotos, habitar na provisoriamente faz o povo entender que não tem aqui residência permanente e que, em última instância, Deus é seu único abrigo. É o que ensina um Midrash sobre Lv 23,42, fazendo a memória do passado – a proteção de Deus, no deserto, sob a forma de nuvem – e apontando para o futuro, quando o próprio Deus estenderá sua tenda sobre todos os povos:

O Santo, bendito seja, diz: Eu vos disse para fazer, aqui neste mundo, uma *sukkah* para me retribuir o que tinha feito por vós, como foi dito: *Habitareis durante sete dias em cabanas (...) para que os vossos descendentes saibam que eu fiz os filhos de Israel habitar em cabanas*. E porei isto a vosso crédito, como se me tivésseis feito um pagamento. Mas, no mundo futuro, me revelareis a vós no Reino e vos protegerei ao modo de uma *sukkah*, como foi dito: *Naquele dia (...), lahweh criará sobre todos os pontos do monte Sião e sobre todos os ajuntamentos do povo uma nuvem de dia e um fumo acompanhado de um clarão de fogo durante a noite. Com efeito, sobre todas as coisas sua glória será um abrigo e uma choupana, para servir de sombra de dia contra o calor, e para ser um refúgio e esconderijo da tempestade e da chuva.*<sup>48</sup>

Outro ritual característico da festa é o feixe das quatro espécies de plantas que simbolizam a colheita do outono (cf. Lv 23, 40). Três ramos são reunidos num feixe: o *lulav*, a folha da tamareira que dá nome ao ritual; a *hadassah*, o mirto ou murta; a *aravah*, o salgueiro. A cidreira, *etrog*, é levada separada.

Nos dias de festa, os judeus seguram o feixe na mão direita e o *etrog* na esquerda; então, com as mãos juntas, dizem a benção: *Bendito sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificaste com Teus mandamentos e nos ordenaste tomar o lulav*. Após a benção o feixe é movimentado em quatro direções – leste, sul, oeste e norte – para cima e para baixo. Há uma interpretação que diz que o agitar dos ramos nessas direções é uma forma de regozijo e de proclamação da presença de Deus em todo o universo.<sup>49</sup>

Todos os dias da festa, na oração matutina, recita-se o Salmo 118 e o *lulav* é movimentado cada vez que se diz: *Dai graças a Deus porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre*. No sétimo dia da festa, o povo reúne-se nas sinagogas e,

<sup>47</sup> COELHO, Antonio Carlos. *Encontros marcados com Deus: expressão da unidade do povo de Deus: as festas judaicas e o cristianismo*. São Paulo: Paulinas. 1999. p. 81.

<sup>48</sup> AVRIL, Anne-Catherine; MAISONNEVE, Dominique de La. *As festas judaicas*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 65.

<sup>49</sup> COELHO, 1999. p. 83.

com os ramos nas mãos participa de uma procissão, dando sete voltas ao redor da *bimá*, o local onde se faz a leitura da Torá. Neste dia costuma-se bater o *lulav* contra o chão fazendo com que caiam todas as folhas do ramo de salgueiro. Este gesto, provavelmente, retoma uma antiga tradição popular para atrair chuva após o longo período de estiagem. No Talmude, encontramos um significativo comentário sobre o simbolismo do *lulav*:

Tomai no primeiro dia fruto de formosa árvore e ramos de palmas,  
Ramos de árvores verdejantes e de salgueiros,  
E alegrai-vos por sete dias.  
Quão diferentes são, contudo, estas quatro substâncias,  
O etrog, o ramo de palmeira, a murta e o salgueiro!  
O etrog tem um rico sabor e um delicioso perfume.  
A tâmara tem sabor excelente e carece de perfume.  
A murta é cheirosa, mas carece de sabor.  
E o salgueiro carece de um e de outro.  
E, contudo, todos são filhos do solo e do sol:  
E os quatro são reunidos num só conjunto.<sup>50</sup>

Além da referência aos quatro “pais”: Abraão, Isaac, Jacó e José e às quatro “mães” do povo de Israel: Sara, Rebeca, Raquel e Lia, as quatro espécies de plantas também podem significar os quatro tipos de filhos de Israel que formam o povo na sua diversidade e no seu desejo de unidade:

Assim como o *ethrog* tem sabor e perfume, também em Israel há pessoas que têm saber e praticam boas ações simultaneamente. Assim como o *lulav* tem sabor mas não tem perfume, também em Israel há pessoas que tem saber mas não praticam boas ações. Assim como o *hadassah* tem perfume mas não tem sabor, também em Israel há pessoas que praticam boas ações mas não tem saber. Assim como o salgueiro não tem perfume nem sabor, também em Israel há pessoas que nem tem saber nem praticam boas ações. Que faz então o Santo, bendito seja? Ele diz: Ata-os todos em um feixe e expiarão uns pelos outros.<sup>51</sup>

Passados os sete dias de festa, chega o oitavo dia. Conforme o preceito, “o primeiro e o oitavo (dia) serão dias de repouso” (Lv 23, 39). Em Israel, neste dia celebra-se a *Simchá Torá* (a alegria da Torá), com cantos, músicas e danças em homenagem a Torá. É o dia em que todos os membros da sinagoga podem carregar a Torá, as crianças agitam bandeirinhas coloridas de *Simchá Torá* e todos recebem balas e doces: “É, talvez, o dia mais alegre do ano judaico. Nesta festa tem início o novo ciclo de leitura da Torá. Durante o ano foi

<sup>50</sup> COELHO, 1999. p. 84.

<sup>51</sup> AVRIL, Anne-Catherine; MAISONNEVE, Dominique de La. 1997. p. 67.

lido todo o Pentateuco nas sinagogas. Agora, em *Simchá Torá*, dá-se início novamente a leitura.”<sup>52</sup>

Para explicar a razão desta solenidade, há uma parábola judaica que diz: Deus é como um rei que convidou todos os seus filhos para uma festa de um determinado número de dias. Ao chegar o dia da despedida, ele lhes diz: “*Meus filhos, quero pedir-lhes algo: - fiquem mais um dia, é-me difícil separar-me de vocês!*”<sup>53</sup> Por fim, lembremos que esta festa ocorre na passagem do outono para o inverno, quando a natureza se transforma e os ventos anunciam a chegada da estação fria e chuvosa, depois de oito meses de estiagem. Após a primeira chuva, como que por um milagre, o deserto floresce. Por isso, nesse dia é lida nas sinagogas a oração pedindo chuva:

O Deus nosso e Deus de nossos antepassados:  
Orvalho pelo qual abençoa o alimento  
Que falta nenhuma diminua a nossa fartura!  
À multidão que guiaste como rebanho  
Concede-lhe agora Tua graça como orvalho.  
Pois Tu és o Eterno, nosso Deus, que fazes  
soprar os ventos e cair o orvalho...  
Ó Deus de nossos antepassados: Senhor que todos temem.  
Lembra-te, quando Te pedirem água, da Aliança com Abraão,  
Que ofereceu água para lavagem de seus três divinos hóspedes.  
Concede a recompensa, agora, aos que hoje suplicam pela  
água...  
Pois Tu és o Eterno, nosso Deus, que fazes  
soprar os ventos e cair a chuva.  
Que seja: para o bem e não para o mal! Amém!  
Para a fartura e não para a penúria! Amém!  
Para a vida e não para a morte! Amém!<sup>54</sup>

A passagem do judaísmo para o cristianismo deixa uma questão, no mínimo, intrigante, em relação à Festa das Tendias: se, como vimos até agora, esta era a mais popular e mais alegre festa do calendário judaico, porque não deixou vestígios no ciclo litúrgico cristão? Este problema talvez seja o provocador de uma outra pesquisa que podemos propor em outra oportunidade. No entanto, alguns motivos possíveis temos que buscar agora. No Segundo Testamento a festa é mencionada uma única vez; é a festa à qual Jesus foi às ocultas depois que ele recusou ir publicamente (Jo 7) Neste texto, a festa aparece com o nome de “*skenopegia*” (do grego “*skenen*”, tenda, e “*pegnymi*”, fixar). O quarto evangelho deixa-nos dois testemunhos a respeito da festa (cf. Jo 7,2 e Jo 7,37-39):

<sup>52</sup> COELHO, 1999. p. 87.

<sup>53</sup> COELHO, 1999. p. 86.

<sup>54</sup> COELHO, 1999. p. 86.

Destes testemunhos joaninos colhemos as seguintes informações: - o nome duplo da festa: “cabanas” ou “a festa por antonomásia”. De acordo com o testemunho rabínico e mishnaico, a festa das cabanas era a mais fantasiosa, a mais popular e a mais alegre; - a reinterpretação que Jesus fez de alguns de seus elementos (a libação da água) sinal da efusão do Espírito Santo: “Ele falava do Espírito que deviam receber os que nele cressem” (v. 39); - a provável e lenta superposição da festa dos tabernáculos com a de pentecostes. Uma vez que esta festa era a do Espírito por excelência, ela acabou por absorver a própria festa dos tabernáculos. Isto poderia explicar porque, das três grandes festas da liturgia judaica (páscoa, pentecostes e tabernáculos), esta última desapareceu da tradição cristã.<sup>55</sup>

Além destes dois testemunhos que fazem referência direta à festa, a narrativa da entrada messiânica de Jesus em Jerusalém, principalmente segundo o quarto evangelho (Jo 12, 12-13), retoma alguns ritos característicos da Festa das Tendias: os ramos das palmeiras e a aclamação *Hosannah* (cf. Sl 118, 25) Esta aclamação, como já aludimos anteriormente, era repetida no ritual do *lulav* e significava, ao mesmo tempo, gratidão e súplica pela salvação e misericórdia de Deus:

Salva, nós te suplicamos (*Hosannah*), por quem és, nosso Deus, salva, nós te suplicamos;  
 Salva, nós te suplicamos, por quem és, nosso Criador, salva, nós te suplicamos;  
 Salva, nós te suplicamos, por quem és, nosso Redentor, salva, nós te suplicamos;  
 Salva, nós te suplicamos, por quem és, tu que nos procuras, salva, nós te suplicamos. [...]  
 Deus Salvador, além de ti, não há nenhum salvador.  
 És poderoso e salvas com generosidade.  
 Salva os que clamam por ti; sacia teus rebanhos, dá abundantes searas e colheitas, e salva.  
 Permite que o vento traga nuvens e chuvas e na a retenhas. [...].  
 És aquele que abre as mãos e sacias os teus que estão sedentos.  
 Farta-os! Aos que te pedem, salva-os! Aos que tu amas, salva-os!<sup>56</sup>

Nos sinóticos, temos ainda uma outra referência à Festa das Tendias, inserida no relato da “transfiguração” (Mc 9,5; Mt 17, 4; Lc 9, 33). É curioso que Mateus e Marcos falam em “seis dias” (17,1; 9, 2) e Lucas fala em “mais ou menos oito dias” (9, 28). Podemos suspeitar que, além do pedido de Pedro: “*façamos três tendias...*”, há aqui uma alusão aos dias da Festa das Tendias. De qualquer forma, na boca de Pedro é colocada a expressão de que, em Jesus, as esperanças messiânicas celebradas na festa, estão se realizando: Jesus é o Messias esperado.

<sup>55</sup> DI SANTE, Carmine. *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2004.p.26.

<sup>56</sup> AVRIL; MAISONNEVE, 1997, p. 70-71.

Finalmente, o Apocalipse, revela o que está por vir, numa espécie de “liturgia celeste” onde estão presentes Israel e todos os povos (cf. Ap 7). Nesta revelação, faz-se memória do tempo do tribalismo, quando o povo habitava em tendas (7, 4-8) e retoma-se alguns rituais da Festa das Tendas: palmas na mão (7, 9), a proclamação do Hosannah (7,10-12) e a promessa de que Deus, finalmente, habitará com seu povo: “Aquele que está sentado no trono estenderá sua tenda sobre eles: nunca mais terão fome, nem sede, o sol nunca mais os afligirá, nem qualquer calor ardente; pois o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, conduzindo-os até às fontes de água da vida. E Deus enxugará toda lágrima de seus olhos”<sup>57</sup>

Talvez resida aqui o nosso maior desafio: re-criar esta celebração, bebendo da sua originalidade e re-significando suas motivações e rituais, uma vez que a nossa espiritualidade cristã precisa expressar-se em atitudes que são próprias da longa tradição da Festa das Tendas: a memória, a provisoriedade, a acolhida, a gratuidade, a partilha e a alegria. Para Wollmann, “habitar em tendas é a memória da precariedade do deserto. Mas a oferta dos frutos da terra representa celebrar a vida, na terra, cuja grandiosidade só pode ser compreendida e celebrada por quem compreende o caminho do deserto e a fragilidade das tendas”.<sup>58</sup> Recolhendo testemunhos rabínicos, Van den Born afirma que a festa “era celebrada com muita alegria, e era a festa mais popular do ano”.<sup>59</sup> Assim também Di Sante apresenta algumas características da festa:

[...] é a festa por excelência das festas da peregrinação e da colheita do ano (cf. Lv 23,39; Nm 29,12; Ez 45,25; 1Rs 8,2.65). Definida por Flávio Josefo como “a festa mais santa e maior dos hebreus” e com semelhantes palavras por Plutarco, ela se caracteriza por uma grande alegria popular, que se estende por sete dias e termina num oitavo dia, significativamente chamado de *‘simhat Torah*, “*Alegria pela Torá e para ela*” [...] Israel está sob a proteção da Shekinah, como os filhotes do ninho sob as asas da mãe. A colheita, antes de ser fruto do trabalho, é sinal da benevolência desta Shekinah; ela é conservada e utilizada, não como fonte de segurança, mas como dons a serem compartilhados fraternalmente. [...] se a alegria do povo é grande pela colheita abundante, o é ainda maior porque isto lhe é sempre dado de novo. A raiz profunda da alegria não é a colheita enquanto tal, mas o amor divino do qual a Tora é proclamação e testemunho.<sup>60</sup>

<sup>57</sup> Ap 7, 15-17

<sup>58</sup> WOLLMANN, Lauri José. A Festa das Tendas. In: DREHER, Carlos A. **Festas Bíblicas**. São Leopoldo: Contexto, 2005. p. 33.

<sup>59</sup> VAN DEN BORN, A. 1977, p. 1466

<sup>60</sup> DI SANTE, 2004, p. 223.227.

Como vemos, a questão da relação de continuidade entre a Festa das Tendias e o calendário litúrgico cristão mantém-se proposta e é, portanto, um desafio contínuo para o estudo e o aprofundamento. De qualquer forma, importa saber que, ainda hoje, a liturgia sinagoga por ocasião de *Sukkot*, inicia todos os anos com este hino:

Que a tua vontade, Senhor meu Deus e Deus de meus pais, seja a de deixar que tua *Shekinah* habite em nosso meio. Estende sobre nós a tenda de tua paz, sobre nós que somos fiéis ao teu preceito de armar a tenda, com a qual afirmamos com temor e com amor a unidade de teu nome santo e bendito. Protege-nos com a luz da tua glória, pura e santa, que se estenda sobre as nossas cabeças como a águia estende suas asas sobre o ninho...<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> DI SANTE, 2004, p. 226.

## II - DES-ARMANDO RELAÇÕES DE EXCLUSÃO

### 1. Discutindo e re-criando relações: cuidado e comensalidade

Meu diálogo com a Festa das Tendras, na caminhada da diocese de Lages e na história do povo da Bíblia, dar-se-á mediado pelas categorias relação, cuidado e comensalidade. Minha escolha deve-se não só pela atualidade destas categorias, mas pela sua densidade social e teológica. Guareschi apresenta relação como um conceito misterioso e fecundo:

[...] relação é o ordenamento, o direcionamento *intrínseco*, isto é, do próprio ser, em direção a outro ser. [...] para haver “relação” não é necessário que haja duas coisas: basta apenas uma que contenha em si, em sua definição, a necessidade, a orientação intrínseca em direção a outro(s). [...] Relação, como foi dito, existe sempre que uma coisa não pode, sozinha, dar conta de sua existência, de seu ser. O conflito, a exclusão são relações, pois ninguém pode brigar sozinho, e se há exclusão, há sempre dois, interligados: alguém que exclui e alguém que é excluído. A percepção da relação é, pois, uma percepção dialética, percepção de que umas coisas “necessitam” de outras para serem elas mesmas.<sup>62</sup>

#### 1.1. Cuidado, frágil!

A expressão acima, tão comum nas embalagens de alguns produtos, ganhou um significado novo nas aulas do professor Rodolfo Gaede Neto, na EST. Retomamos esta expressão para discutir a relação de cuidado na interface com o reconhecimento da fragilidade das pessoas e da vida, tão visível nas tendras que são armadas e desarmadas todos os anos na festa que estamos estudando.

Cuidado é um tema relativamente novo na reflexão teológica. Na literatura específica pode aparecer como sinônimo de misericórdia, compaixão, ternura, bondade do coração.

---

<sup>62</sup> GUARESCHI, Pedrinho. *Psicologia Social Crítica: como prática de libertação*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 61.

Salvaguardando suas especificidades, consideraremos todos estes conceitos como assemelhados, muito embora façamos também algumas distinções propostas pelos diferentes autores que tratam desta temática. Partiremos de uma reflexão filosófica, passando pela ética, até chegarmos a uma reflexão teológica. A reflexão teológica estará embasada nas fontes cristãs, porém em diálogo com outras tradições religiosas, particularmente do judaísmo e do budismo.

No pensamento de Heidegger, cuidado está relacionado à cura, atenção ao outro. Para ele, o significado último da existência humana está no seu ser-no-mundo-com-o-outro. Assim, a identidade própria do humano se constrói na co-existência, na inter-relação. E uma das bases desta construção é o cuidado, entendido como solicitude, dedicação, inquietação pelo outro. Para falar da pre-sença (*Dasein*), isto é, do processo de constituição ontológica do homem, ser humano e humanidade, Heidegger evoca um testemunho pré-ontológico, a fábula de Higino:

Certa vez, atravessando um rio, Cura viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A Cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a Cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o seu nome. Enquanto Cura e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a Terra (Tellus) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente eqüitativa: 'Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer à cura enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar "homo", pois foi feito de húmus'.<sup>63</sup>

Daí decorre a compreensão de que a pre-sença é sempre cura, entendida como ocupação ("ser-em") e pre-ocupação ("ser-junto-a"). Assim, "a cura significa um fenômeno ontológico-existencial básico"<sup>64</sup> e "a condição existencial de possibilidade de cuidado com a vida e dedicação deve ser concebida como cura num sentido originário, ou seja, ontológico".<sup>65</sup>

A partir da fábula-mito do cuidado essencial e das reflexões de Heidegger, Boff estabelece os pressupostos para uma ética do cuidado e da compaixão.<sup>66</sup> Esta ética propõe a

<sup>63</sup> HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo, parte I*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 264.

<sup>64</sup> HEIDEGGER, 1997, p. 261.

<sup>65</sup> HEIDEGGER, 1997, p. 265.

<sup>66</sup> BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

superação do “*Cogito ergo sum*” pelo “*Sentio ergo sum*” e, retomando Heidegger, resgata o cuidado como um dos modos de ser-no-mundo e um dos paradigmas mais urgentes para a sustentação da convivialidade humana no planeta. Nesta obra, Boff apresenta o cuidado como sinônimo de ternura:

A ternura é o afeto que devotamos às pessoas e o cuidado que aplicamos às situações existenciais... A ternura é o cuidado sem obsessão: inclui também o trabalho, não como mera produção utilitária, mas como obra que expressa a criatividade e a auto-realização da pessoa.(...) A ternura emerge do próprio ato de existir no mundo com os outros. Não existimos, co-existimos, convivemos e co-mungamos com as realidades mais imediatas. Sentimos nossa ligação fundamental com a totalidade do mundo. Esse sentimento é mais do que uma moção psicológica, é um modo de ser existencial que perpassa todo o ser.<sup>67</sup>

Em outra obra, Boff aproxima o conceito de cuidado ao de compaixão, definindo-a como a mais humana das virtudes humanas.

Com-paixão - como sugere a filologia da palavra - é a capacidade de com-partilhar a própria paixão com a paixão do outro. Trata-se de sair de si mesmo e de seu próprio círculo e entrar no universo do outro enquanto outro, para sofrer com ele, para cuidar dele, para alegrar-se com ele e caminhar junto a ele, e para construir uma vida em sinergia e solidariedade.<sup>68</sup>

Nesta mesma linha de reflexão, situa-se Rubem Alves. Para ele, há uma permeabilidade nos corpos humanos provocada pela solidariedade diante do sofrimento:

O que é o humano? Acho que o humano não é uma qualidade biológica. É uma qualidade espiritual. E essa qualidade é a capacidade para ‘ter compaixão’. O ‘paixão’, de compaixão, vem do latim *passus*, sofrer. Compaixão é ‘sofrer com’. Eu, indivíduo, não estou sofrendo. Sozinho estou feliz. Mas olho para um outro que está sofrendo: um menino sem agasalho, numa noite fria, pedindo uma moedinha, tarde da noite num semáforo. E, de repente, eu começo a sofrer um sofrimento que não é meu, é do menino. Fico fora de mim. Estou no corpo do menino. Sofro com ele. Essa terrível e maravilhosa capacidade de sofrer os sofrimentos dos outros, eu considero como a marca do humano. Ela é terrível porque nos arranca dos limites do nosso corpo: meu corpo estaria feliz se estivesse só nele; mas, porque ele está no corpo do menino, eu sofro. A compaixão aumenta o nosso sofrimento. E ela é maravilhosa porque por meio dela nunca estamos sozinhos: meu corpo é o centro sofredor do universo inteiro. Minha compaixão abraça tudo o que vejo e imagino. Pela compaixão, estamos unidos a todas as coisas. E todas as coisas, assim, passam a fazer parte de nós mesmos. Fernando Pessoa sentia compaixão pelos arbustos. ‘Aquele arbusto fenece, e vai com ele parte da

<sup>67</sup> BOFF, 1999, p. 118.

<sup>68</sup> BOFF, L. *Princípio de compaixão e cuidado*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 15.

minha vida. Em tudo que olhei fiquei em parte. Com tudo quanto vi, se passa, passo. Nem distingue a memória do que vi e do que fui'. Compaixão é uma qualidade do olhar: olho e fico em parte no que vi. Por isso sofro com o ipê cortado, com o cão moribundo, com o velho abandonado. Quanto maior a compaixão, maior o sofrimento. Talvez seja essa a razão por que, no cristianismo, Deus esteja sendo permanentemente crucificado pelo mundo. Não para expiar pecados, como dizem os teólogos. Mas por pura compaixão. É da compaixão que surge a suprema norma ética de 'fazer aos outros o que queremos que nos façam'. Mas a ironia está em que, para quem está movido pela compaixão, a norma não é necessária, e para quem não está movido por compaixão, ela é inútil.<sup>69</sup>

Diante das vítimas do mercado globalizado, da crescente exclusão social e da sistemática agressão ao sistema Terra, uma ética centrada no princípio da compaixão e do cuidado é essencial para a sobrevivência, não apenas da espécie humana, mas de todas as manifestações da vida. Esta ética supera as fronteiras das religiões e das culturas, pois, continua Boff,

todas são convocadas a saírem de seu círculo e a se encontrarem no serviço do que sofre e da terra que sangra...a economia submetida à ética e a ética articulada com a espiritualidade podem permitir um parto feliz de um novo paradigma civilizacional que supomos mais sensível, mais cordial e mais espiritual, capaz de garantir um futuro promissor para a Terra e os filhos e filhas da Terra, os seres humanos.<sup>70</sup>

A abordagem teológica do cuidado não é prerrogativa originária da tradição judaico-cristã. No budismo, a experiência religiosa se faz num duplo caminho: o da ascese, enquanto desapego total do mundo e libertação do sofrimento e o da compaixão, enquanto cuidado e atenção a todos os seres vivos, particularmente os mais frágeis e sofredores. É o que fica claro em muitos discursos do Dalai Lama: "Creio que o objectivo de todas as grandes tradições religiosas não é construir templos enormes no exterior, mas sim criar templos de bondade e de compaixão no interior, nos nossos corações".<sup>71</sup>

Reafirmando sua crença na positividade da natureza humana, o Dalai Lama prossegue: "Uma das minhas convicções fundamentais, é a de que a natureza humana é mais inclinada para a compaixão e para a afeição. A natureza humana fundamental é gentil, e não agressiva ou violenta".<sup>72</sup> Na tradição budista, "*karuna*" (compaixão) significa, literalmente, "*o que interrompe a graça*", referindo-se a um estado de empatia compassiva

<sup>69</sup> ALVES, Rubem. *Mansamente pastam as ovelhas*. Campinas: Papirus, 2002, p. 50-51.

<sup>70</sup> BOFF, 2000, p. 19.

<sup>71</sup> DALAI LAMA, Sua Santidade. *A bondade do coração*. Portugal: Edições Asa. 1997, p. 55.

<sup>72</sup> DALAI LAMA, 1997, p. 66.

com a dor e o sofrimento dos outros de tal modo importante que torna impossível a experiência do prazer.<sup>73</sup>

A palavra cuidado não encontra uma tradução exata na tradição judaico-cristã. Assim como um só Nome não é suficiente para falar de Deus, na bíblia hebraica, há um vasto e plural campo semântico que pode se aproximar do conceito de cuidado. O termo mais frequentemente traduzido por cuidado refere-se à raiz “*rhm*” e ao substantivo correspondente “*rahamim*” que significa “mamas e seios maternos” (Gn 49,25). Este termo é usado, muitas vezes para falar da misericórdia, da ternura e da compaixão de Deus (Is, 63,15; Sl 79,8). Outras raízes próximas à área semântica da ternura são: “*hnn*” (“mostrar graça” – Is 30,18; Ex 33,19), “*hml*” (“compadecer-se”, “poupar” – Jr 13,14; 21,7), “*hus*” (“comover-se”, e depois “poupar” – Is 13,18).

No movimento profético do Primeiro Testamento, “*rahamin*” aparece como o jeito de ser próprio de Deus: “Mas pode a mãe se esquecer do seu nenê, pode ela deixar de ter amor pelo filho de suas entranhas? Ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de você” (Is 49,15); “Assim poderão amamentar-se nela até ficarem satisfeitos com a consolação que ela tem; sugarão com satisfação a abundância do seu seio... Os seus bebês serão levados no colo, e serão acariciados sobre os joelhos. Como a mãe consola seu filho, assim eu vou consolar vocês...” (Is 66,11-13). Embora este “rosto” de Deus não seja unívoco em toda a tradição bíblica, podemos perceber a ternura como revelação concreta do “amor eterno” do Deus que fez aliança com seu povo (Dt 4,37; 10,15; Is 54,7-8; Jr 31,3; Sf 3,17; Ml 1,2), semelhante ao amor de um pai por seus filhos (Is 1,2; 49,14-16; Jr 31,20; Os 2,25; 11,1s), à paixão de um homem por uma mulher (Is 62,4-5; Jr 2,2; 31,21-22; Ez 16,8.60; Os 2,16-17.21-22; 3,1) e o cuidado da águia por seus filhotes (Dt 32,10-11). Neste mesmo sentido, aparece a profecia de Miquéias: “Ó pessoa humana, já foi explicado o que é bom e o que Javé exige de você: praticar o direito, amar a misericórdia, caminhar humildemente com o seu Deus” (Mq 6,8).

Na passagem para o Segundo Testamento, o termo hebraico “*rahamin*” foi traduzido por “*splanchna*”, “*splanchnizesthai*”, que significa “compaixão” ou “misericórdia”. Jesus de Nazaré, assume e plenifica o movimento profético, apropriando-se destas mesmas categorias para falar do Reino de Deus e do rosto misericordioso e compassivo do Deus do Reino (Mt 9,36; Lc 7,13; 10,33; 15,21).

Jon Sobrino apresenta o “*princípio misericórdia*” como núcleo da ação de Jesus:

---

<sup>73</sup> DALAI LAMA, 1997, p.204.

[...] o sofrimento das maiorias, dos pobres, dos fracos, dos privados de dignidade sempre aparece como pano de fundo da atuação de Jesus, e diante deles se lhes comovem as entranhas. E são essas entranhas comovidas que configuram tudo o que ele é: seu saber, seu esperar, seu agir e seu celebrar.<sup>74</sup>

Este princípio revela o que há de mais humano e divino em Jesus e o apresenta como portador do amor preferencial de Deus-misericórdia pelos “*zeros econômicos*” deste mundo.

[...] A bondade de Deus se concretiza em Deus estar a favor da vida dos pobres, amar com ternura os privados de vida, identificar-se com as vítimas deste mundo. Cremos, pois, num Deus bom e num Deus parcial. E isto, tão difícil de aceitar em outros lugares, torna-se aqui muito claro e se descobre na Escritura.<sup>75</sup>

Na prática de Jesus de Nazaré, testemunhada pelas primeiras comunidades cristãs, “se nos dá a possibilidade de apreender como o Onipotente se faz próximo da humanidade, com uma ternura absolutamente concreta, universal e pessoal, modelo e forma de toda ternura”.<sup>76</sup>

Assim sendo, é importante atentar para o risco de transformar a ternura, a misericórdia e a compaixão em meros “sentimentos doces”, puramente abstratos e privados de consequências práticas. Para este risco, nos alerta Milazzo:

A mentalidade semítica, que constitui o húmus cultural não só do Antigo mas também do Novo Testamento, é concreta e não concebe uma ternura que não se traduza em gestos e comportamentos efetivos de partilha e fraternidade. O Deus hebraico-cristão é um Deus que se faz presente na história, que se compromete com a vicissitude humana a ponto de compartilhar a paixão, que não teme misturar-se à contingência, à precariedade, miséria da criatura, para fazê-la assim renascer para uma nova vida.<sup>77</sup>

Estas percepções nos levam a afirmar que, quanto mais tecemos e estreitamos as relações de cuidado, tanto mais podemos vislumbrar uma “civilização da ternura” como propõe a educadora e pacifista italiana Giuliana Martirani:

Neste momento histórico difícil mas denso de esperança, estão crescendo as sementes de uma passagem planetária, de uma Páscoa; de um mundo que está no fim – com a sua ética

<sup>74</sup> SOBRINO, J. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 37.

<sup>75</sup> SOBRINO, 1994, p. 23.

<sup>76</sup> ROCCHETTA, C. *Teologia da ternura*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 155.

<sup>77</sup> MILAZZO, M. Il vocabolario biblico della tenerezza. In: SOZZI, Maria A. *Responsabilità e Tenerezza: percorsi biblici e teologici*. Milano: Ancora. 2001, p. 91 (tradução do autor).

utilitarística, a sua cultura da superioridade, da competitividade e do sucesso, a política da delegação, a economia da acumulação – para um mundo novo [...]. É o mundo da civilização da ternura, com: uma ética da gratuidade, uma cultura da singeleza e da minoridade, uma política da corresponsabilidade e uma economia da reciprocidade e do cuidado. É uma passagem que se configura nas estruturas, na cultura, no trabalho, e que vai se realizando a nível pessoal, social, da natureza e dos povos.<sup>78</sup>

A Festa Diocesana das Tendras visibiliza relações recriadas de acolhida, cuidado e solidariedade numa prática simples porém de grande relevância eclesial e social. Trata-se da partilha dos alimentos, do comer e beber juntos, da comensalidade.

## **1.2. Comensalidade: pão para quem tem fome e fome de justiça para quem tem pão!**

Comer e beber é uma necessidade biológica. Comer e beber juntos é uma relação social. Comer e beber juntos, ao redor de uma mesa, é o que define a comensalidade. No entanto, mais do que um móvel, “mesa” é um símbolo que remete a uma experiência existencial e a um rito. Ela representa o lugar privilegiado das relações de família, de proximidade, de comunhão e de irmandade. Partilha-se o alimento e junto com ele, comunica-se a alegria de encontrar-se, o bem-querer dos comensais, a acolhida, as histórias de vida e os “causos” do cotidiano.

A mesa é também lugar de tensões e de conflitos familiares, onde as coisas podem ser discutidas abertas e circularmente, onde as diferenças são explicitadas e acordos podem ser estabelecidos. O estar ao redor da mesa pode gerar diálogos acalorados e silêncios perturbadores.

A cultura contemporânea, marcada pelos ritmos acelerados da produtividade e do consumo, enfraqueceu o referencial simbólico da mesa, reduzindo a raros momentos. A “macdonaldização” dos tempos e espaços da mesa permite a nutrição (ainda que questionável!), mas não a comensalidade.

Para Boff, foi a comensalidade, enquanto relação solidária e cooperativa, que permitiu o primeiro salto da animalidade em direção da humanidade:

Há sete milhões de anos, teria começado a separação lenta e progressiva entre os símios superiores e os humanos, a partir

---

<sup>78</sup> MARTIRANI, G. Verso una civiltà della tenerezza. In.: SOZZI, Maria A. *Responsabilità e tenerezza: percorsi biblici e teologici*. Milano: Ancora. 2001, p. 125 (tradução do autor)

de um ancestral comum. A especificidade do ser humano surgiu de forma misteriosa e de difícil reconstituição histórica. Entretanto, etnobiólogos e arqueólogos nos acenam para um fato singular: quando nossos antepassados antropóides saíam a recoletar frutos, sementes, caças e peixes não comiam individualmente o que conseguiam reunir. Tomavam os alimentos e os levavam ao grupo. E aí praticavam a comensalidade: distribuíam os alimentos entre si e comiam-nos grupal e comunitariamente.<sup>79</sup>

Desta forma, assim como a relação de cuidado, a comensalidade é uma relação que continua nos fazendo mais humanos. Além da necessidade de sobrevivência, da promoção da saúde e da prevenção de doenças, a escolha e a preparação e a partilha dos alimentos é movida pela emoção, pelas histórias pessoais, pelos conhecimentos científicos e empíricos, pela tradição, por fatores sócio-econômicos, por decisões políticas e até mesmo pela influência agressiva do consumismo incentivado pela mídia. O antropólogo Roberto DaMatta, reflete sobre os atos de acolher, fazer festa e comer juntos como constitutivos da identidade cultural do povo brasileiro:

O ato de receber neste país representa sempre uma festa, com muita comida, muita bebida, muitas pessoas, possibilitando encontros sempre marcados por tipos de comidas típicas brasileiras, como o pão de queijo, a mortadela, o pãozinho e, como não poderia deixar de ser, o cafezinho. [...] O brasileiro, quando recebe pessoas do seu círculo familiar ou de amizade, escolhe cuidadosamente o alimento a ser comido porque sabe que ele ajuda a definir a situação social que se deseja criar. Pode-se citar a feijoada, que corresponde a um rito de comensalidade altamente informal com relação direta entre o que se come, com quem se come e com o modo de comer. A variedade de ingredientes desse prato justifica comer misturando o que se está na mesa. O estilo brasileiro torna o ato de comer homólogo ao ideal da “mistura” das pessoas que comem juntas e que devem conjugar-se socialmente. Entende-se que o brasileiro sempre teve facilidade em agregar pessoas. A grande refeição brasileira é a que consegue reunir numa só ocasião pratos e pessoas principais, mas todos com a disposição da “mistura” controlada e de “bom gosto” que é o grande símbolo brasileiro da sociabilidade.<sup>80</sup>

O ato de comer juntos exerce um enorme papel social no Brasil. O brasileiro considera o “sentar-se à mesa” um ato de repartir aquilo que tem. Existe uma expressão largamente usada no país que diz que “aqui sempre tem lugar para mais um à mesa”. Na

<sup>79</sup> BOFF, Leonardo. *Comensalidade: refazer a humanidade*. Disponível em: <http://alainet.org/active/23567&lang=es>. Acesso em: 20 jan. 2009.

<sup>80</sup> DAMATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. *O Correio*, São Paulo, n. 15, jul. 1987. p. 22-23.

região serrana de Santa Catarina, onde está situada a diocese de Lages, há uma outra expressão significativa: “Quem é de casa pode entrar pela cozinha” e, na arquitetura das casas, a cozinha é sempre um dos espaços mais amplos da casa. Outras expressões como “Onde come um, comem dois”, “A casa tem porta, mas não tem tramela” ou “Quem tem come, quem não tem come também”, esta última atribuída ao profeta João Maria<sup>81</sup>, denotam que a efusividade e a hospitalidade são características culturais marcantes do povo serrano. Entre nós, há uma grande capacidade de acolher quem chega ou quem está de passagem. As portas das casas se abrem facilmente e, mesmo na precariedade, o alimento é partilhado. No mundo rural, sobretudo, é inconcebível negar comida ou abrigo.

Profundo conhecedor das tradições indígenas, pela vida dedicada ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Gunter Kroemer discorre sobre a comensalidade entre os povos indígenas na perspectiva de uma “economia de reciprocidade”, um sistema econômico que não visa ao acúmulo de excedentes. Cada família produz para seu próprio sustento e aquele tanto de produção que não é utilizado diretamente nas necessidades básicas, é consumido em festas e rituais:

O excedente é socializado, dividido entre todos; os mecanismos de reciprocidade, de trocas e de retribuições garantem a redistribuição, garantindo a igualdade econômica. O restante do tempo não dedicado ao trabalho é gasto na convivência com a família, no lazer e em atividades sociais. Desta maneira, os indígenas tem mais tempo para ser seres humanos plenos. Os povos indígenas têm um alto nível de integração em todos os níveis: social, religioso, mitológico, familiar, econômico. Entre os guaranis, por exemplo, a festa é uma metáfora concreta de uma economia de reciprocidade vivida religiosamente. O intercâmbio de bens, de consumou ou de uso, é regido pelo princípio de distribuição igualitária, segundo o qual a obrigação de dar supõe a obrigação de receber, e receber se torna por sua vez obrigação de dar, numa dimensão espiritual. Trata-se da importância da relação social entre os que se presenteiam. Por isso, o intercâmbio é um diálogo social e religioso, mediante o qual o que mais circula é o prestígio de quem sabe dar e a alegria de quem sabe receber, segundo o modelo dos Primeiros Pais e das Primeiras Mães.<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> João Maria de Agostinho (ou Agostini) era um monge leigo que percorreu os territórios do Paraná e Santa Catarina no período da Guerra do Contestado (1912-1916). Sua presença ainda hoje é muito sentida entre o povo caboclo da região serrana, onde está situada a diocese de Lages. Nas casas ainda se conservam fotos, imagens e, principalmente, histórias de curas, ditos e profecias atribuídas a ele. Também são muito comum, em toda a região, fontes e cruzeiros que ele teria abençoado.

<sup>82</sup> KROEMER, Gunter. CEBs e as religiões indígenas. In: *Do ventre da Terra, o grito que vem da Amazônia*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 69

A comensalidade aponta também para a relação que há entre comida e linguagem. Assim como são variados os códigos de linguagem e comunicação, são diferentes os sabores e os temperos que se misturam no preparo dos alimentos. Aliás, a culinária é uma outra característica que diferencia os seres humanos dos animais. Somente a humanidade é capaz de preparar os alimentos e ritualizar as refeições, assegurando a comensalidade. Por ser relacional, toda comensalidade tem também uma dimensão política:

Compartilhar a comida é uma transação que envolve uma série de obrigações mútuas e dá origem a um complexo interconectado de mutualidade e reciprocidade, de relações de poder na lida com a terra, na lida com o calendário, na lida com os costumes do grupo social, no planejamento da sobrevivência, no agregado do gosto, do tempero, da receita... Comida de festa. Além disso, a comida simboliza nossas relações, nossas crenças, nossos dias de festa, define as fronteiras entre os grupos e cria possibilidades de conhecer melhor quem é diferente de nós. O ato de comer é um comportamento que reflete sentimentos e relações, serve como mediação para o *status* social e o poder, e exprime os limites de identidade do grupo. Comer é fazer política. Não comer, também!<sup>83</sup>

### 1.3. A comensalidade na prática de Jesus

A prática de Jesus condensa os aspectos da humanidade e da divindade, porque ele é, por excelência, o encontro do humano e do divino. Sua luta contra a fome revela algo de novo: a gratuidade do dom de Deus, a denúncia de um sistema de acúmulo e violência, a partilha que gera justiça e solidariedade, principalmente com as pessoas empobrecidas, famintas e excluídas.

Confirmando a intuição de Crossan, para quem a prática da comensalidade é “a essência do movimento original de Jesus”<sup>84</sup>, Rodolfo Gaede Neto pesquisa as comunhões de mesa nos evangelhos e conclui:

Surpreende a presença quantitativa de textos que se ocupam deste tema. Algo em torno de 40 passagens poderiam ser elencadas. O evangelista Lucas, por exemplo, destina o espaço de um quinto de sua obra a essa atividade e ensinamento de Jesus. Nos evangelhos, o verbo “comer” aparece em 76 textos (90 por cento das vezes ligado às

<sup>83</sup> PEREIRA, Nancy Cardoso. Amazonas: mulheres unidas pela cintura! In.: *Do ventre da Terra, o grito que vem da Amazônia*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 77-78

<sup>84</sup> CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 378

comunhões de mesa de Jesus). O significado desse dado fica realçado quando o comparamos com a presença de outros conceitos, como é o caso de “ensinar” (*didáskein*), que pode ser encontrado apenas 55 vezes. Mas também a presença qualitativa surpreende: a exegese situa a maioria desses textos no contexto da atividade histórica de Jesus de Nazaré. Portanto, as comunhões de mesa de Jesus têm boa consistência histórica.<sup>85</sup>

Esta consistência histórica é corroborada pelo fato de que a comensalidade de Jesus é narrada em diferentes gêneros literários: nos ditos e parábolas, nos discursos e relatos de milagres, nas narrativas da paixão e das aparições do Ressuscitado. Para a exegese, o testemunho de um mesmo tema em gêneros literários tão diversos, é uma evidência de valor histórico.

Jesus de Nazaré é um ser humano de seu tempo, uma pessoa datada e situada. Com certeza, conviveu com as práticas alimentares do povo da Palestina e percebeu as contradições desta comensalidade. No mundo greco-romano, a mesa e os convidados que se reuniam em torno dela para partilhar seus alimentos, podiam ser um vínculo de agregação e unidade social, mas podiam também encorajar distinções sociais, separando as pessoas em categorias pela colocação dos lugares, ou, pior ainda, pela exclusão.

Grande especialista no estudo do Jesus Histórico, Crossan, dialogando com a antropologia cultural, defende que “as regras de mesa e alimentação” são “modelos em miniatura das regras de associação e socialização” e o “companheirismo de mesa” é também “um mapa da discriminação econômica, da hierarquia social e da diferenciação política.”<sup>86</sup> Acrescente-se ainda, no caso de Jesus, as questões de ordem religiosa, manifestadas na vigilância de seus opositores às regras alimentares e ao rígido sistema de pureza ritual.

Neste contexto, a proposta por Jesus está na retomada da teologia da Aliança e na vinculação da comensalidade com a perspectiva do Reino de Deus. É o que se evidencia na parábola encontrada nos evangelhos de Mateus (22, 1-13), Lucas (24, 15-24) e também no evangelho de Tomé (64), que narra a história de um homem que havia preparado um banquete e manda seu empregado convidar várias pessoas. O empregado vai a fim de cumprir a missão, porém, nenhum daqueles que seriam os convidados tinham tempo para este convite. O homem então pede que novamente seu empregado saia, mas

---

<sup>85</sup> GAEDE NETO, Rodolfo. As comunhões de mesa de Jesus e a Ceia do Senhor. *Tear*, São Leopoldo, n. 16, p. 3, 2005.

<sup>86</sup> CROSSAN, J. D. *Jesus, uma biografia revolucionária*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 82.

desta vez, com a missão de trazer quem quer que ele encontrasse pelas ruas. A história continua com um juízo de Jesus sobre aqueles que não aceitaram o convite.

A palavra e a prática de Jesus inauguram uma nova comensalidade, que Crossan adjetiva como “comensalidade aberta”:

Um ato de comerem conjunto sem usar a mesa como mapa em miniatura das discriminações verticais e separações laterais da sociedade. O desafio social de tal comensalidade igual ou igualitária é o perigo mais fundamental e a ameaça mais radical da parábola. Trata-se apenas de uma estória, naturalmente, mas de uma estória que centra seu desafio igualitário no espelho em miniatura da sociedade, a mesa, como o lugar onde os corpos se encontram para comer. Já que, além do mais, Jesus viveu sua própria parábola, a quase previsível contra-acusação a essa comensalidade aberta seria imediata: Jesus é um glutão, um bêbado e um amigo de coletores de impostos e pecadores. Em outras palavras, ele não faz distinções e discriminações apropriadas. E como havia mulheres presentes, especialmente mulheres solteiras, a acusação seria de que Jesus come com prostitutas, qualificação padrão da difamação para qualquer mulher fora do controle masculino apropriado. Todos esses termos – coletores de impostos, pecadores, prostitutas – são neste caso termos depreciativos para aqueles com quem, na opinião dos difamadores, a associação aberta e livre deveria ser evitada.<sup>87</sup>

A radicalidade deste projeto de comensalidade aberta só pode ser compreendida e assumida na perspectiva do Reino de Deus, anunciado e inaugurado na pessoa e na prática de Jesus de Nazaré. Mesmo que alguns olhares, de ontem e de hoje, acusem que a prática de comer junto e de viver junto sem quaisquer distinções, diferenças, discriminações ou hierarquias está perto do irracional e do absurdo:

A comensalidade aberta é o símbolo e a corporificação do igualitarismo radical, de uma absoluta igualdade de pessoas que nega a validade de qualquer discriminação entre elas e nega a necessidade de qualquer hierarquia entre elas.<sup>88</sup>

Mesmo correndo o risco do anacronismo, ao relacionar conceitos da democracia contemporânea à prática da comensalidade aberta inaugurada por Jesus e ao igualitarismo radical do Reino de Deus, compartilhamos com a conclusão de Crossan: colocar “a visão e o programa de Jesus de volta na matriz de onde saíram, o antigo e universal sonho camponês de um mundo justo e igual.”<sup>89</sup> E acrescentamos: esta é a mesma matriz que deu origem à celebração da Festa das Tendas na história do povo da

---

<sup>87</sup> CROSSAN, 1995. p. 83.

<sup>88</sup> CROSSAN, 1995. p. 84.

<sup>89</sup> CROSSAN, 1995. p. 87.

Bíblia e que está sustentando os treze anos de caminhada desta mesma festa na diocese de Lages.

Antes de concluir, voltemos à questão proposta por Gaede Neto: É possível falar de uma relação de continuidade entre a prática ordinária da comunhão de mesa de Jesus e a instituição da Ceia do Senhor? Revisitando a prática da comensalidade de Jesus e o testemunho das primeiras comunidades cristãs que tinham na “fração do pão” um de seus fundamentais distintivos, ousamos acrescentar outro questionamento: Qual é o significado da Eucaristia: uma refeição especial ou uma refeição que simboliza todas as outras?

Vale lembrar que a prática da dádiva<sup>90</sup>, isto é, o oferecimento do presente-alimento sem esperar retribuição marcou o movimento de Jesus e o cristianismo primitivo. A partilha sem esperar nada em troca é um elemento fundamental para a organização das comunidades cristãs nascentes, assim como os rituais de comensalidade aberta são estruturantes da nova prática religiosa. A partilha do alimento (“fração do pão”), que se torna sacramental para o cristianismo nascente, deve ser abordada em primeiro lugar discutindo a antiga proposta de que a eucaristia cristã acontecia em regime de patronato, ou seja, pessoas com mais posses nas igrejas nascentes proporcionavam uma refeição sacramental para toda a comunidade. Crossan, confrontando a teoria do patronato, apresenta uma profunda discussão do caráter e da forma das refeições compartilhadas na comunidade. Como ponto de partida, é necessário atentar para o baixo poder aquisitivo da maioria dos cristãos e como isso se transformava, no ritual eucarístico, na participação em uma refeição digna. Sobre isso Crossan afirma: “Cada um trazia para a refeição comunitária o que podia e, assim, não importava o que acontecesse, todos tinham certeza de pelo menos uma Eucaristia — uma refeição digna de louvores, digamos — por semana”.<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> Dádiva é um novo paradigma, desenvolvido na área das ciências humanas por autores como Marcel Mauss e J. T. Godbout, que propõe a superação do privilégio paradigmático do individualismo e do holismo. No individualismo, marcado pela racionalidade instrumental e pelo utilitarismo, tudo concorre para a realização do indivíduo e seus interesses. O holismo, por sua vez, reúne todas as teorias que falam mais da sociedade do que do indivíduo e busca romper o isolamento do indivíduo e situá-lo no contexto de suas relações sociais. Por dádiva, entende-se, de modo negativo, tudo o que circula na sociedade que não está ligado nem ao mercado, nem ao Estado (redistribuição), nem à violência física. De modo mais positivo, é o que circula em prol ou em nome do laço social, o que o faz aparecer, o alimenta. Esta circularidade, característica da dádiva, provoca um salto misterioso para fora dos determinismos e mecanicismos e possibilita uma experiência de abandono à incondicionalidade, experiência de pertencer a uma comunidade que, longe de limitar a personalidade de cada um, ao contrário, a expande. (cf. GODBOUT, J.T. Introdução à dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 13, n. 38, p. 39-50, 1998)

<sup>91</sup> CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do Cristianismo – O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas. 2004. p. 466

A eucaristia torna-se, com isso, um ritual que, além de conferir identidade, ligar a comunidade à memória de Jesus, oferece também uma oportunidade para que o grupo cristão experimente uma distribuição solidária do alimento. Essa posição apresentada por Crossan abre novas perspectivas para entendermos o caráter sacramental das reuniões do cristianismo primitivo. Porém, agora temos o desafio de entender como isso interage com a vida das comunidades e como esse ritual da partilha do alimento se converte em uma prática ligada ao cotidiano.

Nesse sentido, é valioso o exercício hermenêutico proposto por Gaede Neto para estabelecer a relação de continuidade entre a comunhão de mesa (refeição comunitária) e a Ceia do Senhor (Eucaristia):

Uma mesa aberta, para a qual todas as pessoas, indistintamente, são convidadas, prefigurando, assim, o banquete do reino de Deus (Mt 8.11; Mt 22.1-14); uma mesa que sacia a fome dos pobres Lázarus e assim encaminha a superação do abismo entre as classes sociais (Lc 16.19-31); uma mesa que tem em vista a criação de novas relações no nível econômico, construídas sobre o paradigma da partilha entre os desiguais (Lc 14.7-14); uma mesa que tem em vista a desconstrução das barreiras culturais, para que os benefícios do reino de Deus não sejam particularizados (Mc 7.24-30); uma mesa em que a política possa ser concebida como preparação de banquetes da vida, onde todos e todas possam comer e se fartar (Mc 6.30-44); uma mesa capaz de enfrentar o fundamentalismo religioso e edificar sinais da mesa da reconciliação entre os segmentos divididos do povo de Deus (Lc 15.11-32).<sup>92</sup>

Por fim, percebemos que a prática de prover uma refeição digna semanal para a comunidade, que acontecia na eucaristia dominical – conforme proposta de Crossan – pode ser vista como modelo para uma prática solidária realizada em nome da memória do Senhor durante os demais dias da semana. A “fração do pão”, portanto, não se restringia somente aos momentos cúlticos da comunidade. Ele se estendia em apoio aos itinerantes e aos pobres no cotidiano das comunidades. Deste modo, a ordenança de Jesus na eucaristia acerca do pão (“fazei isso em memória de mim”) e do cálice (“fazei isso, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim”) se estende para as práticas de partilha e de sustento que caracterizavam – pela diferença – as primeiras comunidades cristãs.

---

<sup>92</sup> GAEDE NETO. 2005. p. 7-8

## 2. Uma Igreja e uma Sociedade sem exclusões

A expressão que intitula este nosso trabalho pode causar estranheza em muitas pessoas que a lêem ou a escutam pela primeira vez. Confesso que, pessoalmente, já vivi esta experiência. Normalmente, quando falamos de exclusão, logo a adjetivamos como exclusão social. E é justo que o façamos, pois esta é uma categoria de análise fundamental para ler a sociedade de nossos tempos. Certamente, voltaremos a essa discussão. Agora, retornando ao título acima, chamamos a atenção para uma outra modalidade de exclusão, nem sempre discutida e explicitada. Trata-se da exclusão eclesial, pois se falamos de uma Igreja e uma Sociedade sem exclusões, estamos admitindo que, além da exclusão social, precisamos também superar a exclusão eclesial. Darei um exemplo de minha experiência pessoal. Era o ano de 2004 e, na comunidade Santa Luzia, periferia da cidade de Lages, discutíamos com as lideranças do conselho pastoral as ações que assumiríamos na Campanha da Fraternidade que, naquele ano, tratava da realidade das pessoas com deficiência. Depois de muitas propostas que iam da garantia do atendimento no posto de saúde e nas escolas, passando pela acessibilidade no transporte coletivo, fomos surpreendidos pela fala simples de Dona Anita: “É muito importante tudo o que vocês estão dizendo e, de verdade, precisa ser feito. Mas, de nada vai adiantar, se a gente não se unir prá fazer uma rampa para as pessoas com deficiência chegarem na igreja. Com estes degraus, até eu tenho dificuldade!” Todas as pessoas que estavam na reunião concordaram e, desde aquele dia, a construção da rampa foi assumida como compromisso quaresmal. Na véspera da Páscoa, a rampa foi inaugurada e está lá, até hoje, como testemunho de uma Igreja que pode ser construída sem exclusões.

Na diocese de Lages, esta discussão tomou corpo a partir de 2004, no processo de revisão das Diretrizes e Orientações da Ação Evangelizadora.<sup>93</sup> Embora o “estranhamento” da expressão já não seja tão sentido, é sempre importante re-significá-la, uma vez que ela é parte constitutiva do Objetivo da Ação Evangelizadora da diocese, aprovado na 30ª Assembléia Pastoral Diocesana, em 15 de dezembro de 2009.<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> Este é um processo que acontece nas dioceses da Igreja Católica Apostólica Romana e tem por objetivo rever, planejar e qualificar a caminhada pastoral das mesmas. Em Lages, este caminho vem sendo feito a cada cinco anos desde a década de 60 e, nos últimos anos, contou com a participação direta dos Grupos de Família, através de um Instrumento Avaliativo em forma de questionário.

<sup>94</sup> O Objetivo aprovado diz: Nós somos o povo serrano. Queremos nos evangelizar, animados pela Palavra e pela Eucaristia, em Grupos de Família – CEBs, participando na construção de uma Igreja e uma Sociedade sem exclusões, justas, fraternas e solidárias; sinais do Reino Definitivo.

## 2.1. Exclusão: categoria, realidade e relação

A categoria exclusão situa-se também na perspectiva da relacionalidade: se há alguém excluído é por que há alguém que excluiu, a nível pessoal, social ou eclesial. Originária do latim “*excludere*”, a palavra significa “deixar uma pessoa (ou uma coisa) fora do lugar que ocupa. Em nível social, excluir significa, não apenas “deixar fora”, mas submeter uma pessoa à condição de ser considerada e tratada como um objeto. É um processo de coisificação da pessoa, recrudescido nestes tempos de globalização neoliberal, sem dúvida o processo de exclusão socioeconômica mais dramático e massivo da história. Daí decorre que a pessoa excluída seja, na verdade, a vítima de uma trama de relações de exclusão, de uma vontade ou lógica de exclusão.

Em um sistema social em que as prioridades são a produtividade, a eficiência, a tecnologia, o utilitarismo e o consumismo, os pobres (populações, regiões e continentes) são considerados como “braços inúteis e bocas sobrantes”, “zeros econômicos”, “estorvo” para o desenvolvimento de um sistema feito pelos e para os ricos. Assim sendo, a exclusão dos pobres não depende deles mesmos, mas daqueles que os excluem. Por isso, podemos dizer que se trata de uma exclusão sistêmica e institucionalizada.

A exclusão relaciona-se com a pobreza e a agudiza. Se nos períodos de “milagre econômico”, os pobres tinham alguma esperança de converter-se em assalariados, no modelo neoliberal globalizado existem ínfimas possibilidades de romper o “círculo vicioso” da exclusão, a saber: pobreza herdada – pouca escolarização – exclusão do mercado de trabalho – reprodução da exclusão. Nas regiões mais empobrecidas, presentes em todos os continentes, a exclusão é o novo rosto da pobreza. Nos países da América Latina e do Caribe, estes novos rostos de pobres, foram assim nomeados na Conferência de Aparecida:

Entre eles, estão as comunidades indígenas e afro-americanas que, em muitas ocasiões, não são tratadas com dignidade e igualdade de condições; muitas mulheres são excluídas, em razão de seu sexo, raça ou situação sócio-econômica; jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família; muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal; meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, ligada muitas vezes ao turismo sexual; também as crianças vítimas do aborto. Milhões de pessoas e famílias vivem na miséria e inclusive passam fome. Preocupam-nos também os dependentes das drogas, as pessoas com limitações físicas, os portadores e vítimas de enfermidades graves como a malária, a tuberculose e HIV-

AIDS, que sofrem a solidão e se vêem excluídos da convivência familiar e social. Não esquecemos também os seqüestrados e os que são vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade. Também os anciãos que, além de se sentirem excluídos do sistema produtivo, vêm-se muitas vezes recusados por sua família como pessoas incômodas e inúteis. Sentimos as dores, enfim, da situação desumana em que vive a maioria dos presos, que também necessitam de nossa presença solidária e de nossa ajuda fraterna. Uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: a exclusão social. Com ela a pertença à sociedade na qual se vive fica afetada na raiz, pois já não se está abaixo, na periferia ou sem poder, mas se está fora. Os excluídos não são somente “explorados”, mas “supérfluos” e “descartáveis”.<sup>95</sup>

Na contemplação destes rostos, podemos identificar diferentes níveis de exclusão:

- em nível econômico, os que carecem de tecnologia, os pequenos camponeses e comerciantes, os ambulantes, os trabalhadores sem terra, os subempregados e trabalhadores informais;
- em nível sócio-político, os que não têm proteção social nem moradia digna, os que não têm acesso às políticas sociais públicas e também aqueles que não são levados em conta nas decisões políticas;
- em nível cultural, os analfabetos, os que são privados do acesso à informação e do direito à palavra – particularmente em relação aos meios de comunicação – e as vítimas do neocolonialismo cultural;
- em nível fisiológico, os que carecem de alguma capacidade física ou mental, os que sofrem de uma enfermidade limitante grave, como os portadores de doenças crônicas, alcoólicos e dependentes químicos;
- em nível étnico, há uma estreita vinculação entre a exclusão e a cor da pele, a linguagem e a origem cultural;
- da mesma forma, há uma estreita relação entre exclusão e gênero. Dentre as pessoas excluídas, grande parte é formada pelas mulheres. Esta situação se agrava quando associada aos níveis anteriores. A exclusão das mulheres reflete-se em termos de salário, de influência, de opinião, de oportunidades, de acesso a funções de decisão e comando. Os casos de violência contra mulheres tornam esta realidade de exclusão ainda mais

---

<sup>95</sup> DAp, 65

cruel. Igualmente, são excluídos quem tem uma preferência sexual diferente daquela estabelecida pelos padrões sexuais tradicionais.

Ainda mais grave, porque nem sempre explicitada e assumida, está a exclusão no nível eclesial. Mais grave porque, quase sempre, justificada por uma suposta “ordem divina”. Em muitos casos, esta exclusão de caráter religioso, vem acompanhada de forte carga simbólica e, mesmo que com sutileza, provoca profundas feridas e produz muitas situações de ostracismo e culpabilização.

Além de discutir as relações de exclusão e descrever sua cruel realidade, queremos buscar, nos âmbitos sociais e eclesiais, alternativas para a superação das lógicas de exclusão. Mais adiante, veremos que a Festa das Tendas pode apontar para a construção de uma Igreja e uma Sociedade sem exclusões. Por ora, precisamos afirmar que excluir não se opõe frontalmente a incluir. Podem-se incluir os excluídos e continuar a tratá-los como objetos, como “coisas”. Portanto, o contrário de exclusão é a participação. A solução não está em colocar a pessoa excluída dentro de um sistema de qualquer maneira ou a qualquer custo. Mas, trabalhar para que sejam superadas as condições que propiciam que as pessoas sejam tratadas e consideradas como objeto. Participar, neste sentido, significa tornar-se protagonista, colocar-se em condição de sujeito para a construção de um destino comum.

Para superar esta lógica da exclusão, na Igreja e na Sociedade, e reencantá-las com a dinâmica das Tendas, além das relações de cuidado e comensalidade e a partir delas, queremos adentrar agora para um caminho de revisitação do que chamaremos “paradigma trinitário” ou, como prefere Gebara, “estrutura trinitária”; um paradigma “uno e múltiplo” constitutivo das pessoas, da humanidade, do planeta e do cosmo:

“uma realidade marcada ao mesmo tempo pela multiplicidade e pela unidade, marcada pela diferença e pela articulação e interdependência entre todas as coisas. [...] Esta estrutura trinitária cósmica é de certa forma independente do ser humano, mas é o ser humano, o único capaz de nomeá-la, de captá-la, de extasiar-se diante dela e de perceber-se parte integrante dela. O ser humano é, pois, o único vivente capaz de nomear seu corpo como corpo cósmico, dada a sua consciência de extrema e extraordinária dependência do Cosmo.<sup>96</sup>

---

<sup>96</sup> GEBARA, Ivone. *Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista*. São Paulo: Paulinas. 1994. p. 42

## 2.2. Trindade Santa: a melhor comunidade!

Quando, na teologia sistemática, fala-se na Trindade, esta fala, normalmente é precedida da palavra mistério. E é o mistério que, uma vez acessado e compreendido, iluminará a experiência. Ousaremos fazer um caminho inverso: da experiência pessoal e comunitária do “paradigma trinitário” para a compreensão e contemplação do mistério da Trindade Santa. Pode parecer paradoxal, portanto, usar o título acima. Esta deveria ser uma exclamação para o fim deste caminho e não para o seu começo. Trata-se de uma opção consciente e a fazemos em atitude de reverência e comunhão com as pessoas dos inúmeros Grupos de Família da diocese de Lages que, ao reunirem-se todas as semanas iniciam o encontro ou a celebração invocando a Trindade Santa: a melhor comunidade de amor!

É provável que ao fazer o sinal da cruz acompanhado da invocação trinitária, nenhuma pessoa preocupe-se em fazer uma reflexão sobre a Trindade. Muitas vezes, este pode ser apenas um hábito que se repete como pedido de proteção em certas ocasiões, afastamento dos perigos ou benção das refeições. No entanto, são estas experiências humanas, aquilo que podemos repetir e verificar, que constituem e transformam nosso cotidiano, o caminho privilegiado para a experiência de Deus. Para Moltmann, “na fé, o homem experimenta a Deus na sua relação com ele, e experimenta a si mesmo na sua relação com Deus. [...] Pela expressão, experiência de Deus entende-se, portanto, não apenas a nossa experiência de Deus, mas também a experiência de Deus conosco”.<sup>97</sup>

Destacamos, nesta expressão, os conceitos de experiência e de relação, tão fundamentais para a vida e, igualmente essenciais, para o acesso ao mistério trinitário. A leitura da experiência nos permite perceber que todas as manifestações da vida, em seu “fazer-se” e “existir” estão carregadas desta tensão dinâmica entre multiplicidade e unidade que constituem o “paradigma trinitário”:

Creio que na vida concreta o que experimentamos mesmo é a espantosa multiplicidade, o pluralismo, a impressionante diferença, a atordoante mudança das coisas, a fragilidade, a provisoriedade, a mistura de vida e de morte, de morte e de vida. Esta multiplicidade variada é Trindade, ou seja, é simbolizada pelo número três, por esse três que quer dizer na realidade, milhões, milhares..., que quer dizer infinito. [...] A Trindade comporta a multiplicidade e o desejo de unidade num

---

<sup>97</sup> MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. (tradução de Ivo Martinazzo). Petrópolis: Vozes, 2000. p. 19.

mesmo e único movimento, como se fossem momentos de uma mesma respiração.<sup>98</sup>

O número três é uma convenção não apenas quantitativa, mas qualitativa e simbólica. É indicador de pluralidade, de riqueza inesgotável, de universalidade múltipla. Desde os tempos mais remotos, diversidade e movimento, foram reconhecidos como características fundantes de todos os seres. A esse respeito, há uma discussão antropológica sobre o “homem binário” e o “homem trinitário”.<sup>99</sup> Nas tradições religiosas antigas, há diferentes testemunhos de compreensões trinitárias da divindade:

Na Grécia, os três filhos de Cronos (Zeus, Poseidon e Hades) dominam o céu, a terra, o mar e o inferno. Em Roma, havia a trindade em Júpiter, Juno e Minerva. Na milenar cultura religiosa da Índia, existe a concepção teológica do “Trimurti” Sagrado: Brahma (alma do mundo, o criador), Vishnu (o conservador, que se encarna em Rama e Krishna), e Shiva (o destruidor). “Trimurti”, em sânscrito e em hindu, é a junção de “tri” (número três) e “murti” (corpo sólido, matéria, forma e, principalmente, estátua ou imagem). Significa a tríplice manifestação da Divindade ou, de modo mais amplo, as múltiplas manifestações de Deus.<sup>100</sup>

Como vemos, o “paradigma trinitário” não está restrito à tradição religiosa cristã, mas está presente em vários credos, em diferentes tempos e lugares. É o que lembra Gebara: “os antigos celtas reconhecem tanto o aspecto masculino quanto o feminino de Deus. A imagem feminina de Deus é uma Trindade simbolizada por três mulheres, representando cada uma aspectos essenciais de toda a vida humana”.<sup>101</sup>

Aliás, esta é a proposição original da “perspectiva ecofeminista” defendida por Gebara, uma vez que a doutrina cristã sobre a Trindade está marcada também pelas raízes culturais do Ocidente e as construções patriarcais e hierárquicas, forjadas em torno de uma figura monoteísta de Deus e de sua relação de Criador do Cosmo e de tudo o que existe. Esta figura e esta relação, ao longo da história muitas vezes paralisaram a dinâmica da vida, cristalizaram a experiência trinitária numa sistematização de conceitos e

<sup>98</sup> GEBARA, 1994. p. 25.27.

<sup>99</sup> Estas duas expressões encontram-se na obra de Dufour. Segundo o autor, na história da humanidade há um contínuo conflito entre a trindade e a binariedade. Na virada do milênio, Dufour previu uma tendência de desaparecimento do homem trinitário, dando lugar ao homem binário, forjado pelas grandes categorias da racionalidade ocidental: o dualismo, a dialética, a causalidade e o cálculo binário. Esta é a grande tragédia do nosso tempo, uma vez que só a forma trinitária pode garantir a existência da diversidade em todas as suas manifestações. (cf. DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2000. 435p.)

<sup>100</sup> CORREIA JÚNIOR, João Luiz. A Santíssima Trindade: um tema para a reflexão das comunidades cristãs no jubileu do ano 2000. *REB*. Petrópolis: Vozes, n. 239, set/2000. p. 595.

<sup>101</sup> GEBARA, 1994. p. 18.

fórmulas; e, ainda pior, reforçaram relações de dominação e violência do homem em relação à mulher, aos outros seres e à terra.

No mundo da religião patriarcal esquecemos da riqueza do símbolo e apegamo-nos aos conceitos bem definidos. Esquecemo-nos da história e apegamo-nos à doutrina sem história atual. Esquecemo-nos do mundo relacional e mutável que nos caracteriza e defendemos a estabilidade das idéias e dos dogmas. Retemos a evolução dos significados, aprisionamos os símbolos, tentamos dominar o real, na ilusão de com isso vencermos a força da mobilidade, da mutabilidade e criatividade dos processos vitais.<sup>102</sup>

A partir desta perspectiva, Gebara propõe a “reconstrução dos significados trinitários” a partir de cinco considerações: a Trindade no Cosmo, na Terra, nas relações entre os povos e as culturas, nas relações humanas e, por fim, em cada pessoa. No Cosmo, trata-se de reconhecer a “estrutura trinitária” como estrutura única e multiforme do universo. Na Terra, perceber que todas as manifestações da vida dão conta de um movimento de criatividade contínua, envolvendo processos de criação e destruição como expressões do mesmo processo vital. Nas relações entre povos e culturas, compreender o complexo processo evolutivo da vida que dá origem a diferentes grupos humanos e convidam a uma cidadania cósmica, onde nenhuma superioridade ou inferioridade se justificam e onde sejam superadas todas as formas de racismo, xenofobia, marginalização, violência, sexismo e exclusão. Nas relações humanas, assumir a realidade pessoal única que chamamos “eu” como encontro de uma multiplicidade de pessoas, experiências, tradições e histórias.

Em cada pessoa, aprender que a realidade pessoal é absolutamente interdependente de outras e do conjunto da Terra e do Cosmo, é misteriosamente múltipla e una ao mesmo tempo e, sobretudo, que toda autonomia pessoal é sempre relacional, dependente de.

Estas reflexões nos levam a compreender, com Gebara que o mistério da comunhão das Três Divinas Pessoas é possível de ser acessado pelo caminho da experiência e da linguagem das pessoas humanas:

Pai, Filho e Espírito Santo não são substância divina por oposição à substância humana, mas são *Relações*, isto é, relações experimentadas por nós pessoas humanas e expressas de forma talvez antropomórfica, mas metafórica e não metafísica. Em termos simples podemos dizer que o amor é uma relação, mas não captamos a pessoa do amor, ou uma

---

<sup>102</sup> GEBARA, 1994, p. 32.

coisa em si que se chama amor. Se dissermos que o amor é ser, estaríamos no nível da metafísica, do discurso filosófico sobre os seres em si mesmos, e teríamos então de deixar de falar metaforicamente, simbolicamente do amor.<sup>103</sup>

Uma das formas de falar metaforicamente é a arte, tão presente na tradição religiosa da humanidade. Vamos recorrer agora a uma obra de arte para acessar, com uma outra linguagem, ao mistério da Trindade ou, como dissemos, ao “paradigma trinitário”.

O ícone chamado de “Trindade do Antigo Testamento” é uma das obras mais conhecidas da iconografia cristã. Pintado em 1425, por Andrei Rublev, é conservado ainda hoje na galeria Tretjakow, em Moscou e ilustra inúmeros tratados, publicações e lugares de culto dedicados à Trindade. Como não temos a possibilidade de visualizá-lo neste trabalho, contamos com a capacidade imaginativa dos leitores e nos fixaremos em dois aspectos que, nesta altura de nossa reflexão, parecem-nos prioritários: a inspiração bíblica e a relação de comensalidade.

Há um consenso entre os intérpretes deste ícone de que o mesmo tem uma inspiração bíblica e representa os três homens que foram acolhidos na tenda de Abraão e Sara (cf. Gn 18). O tema central do capítulo, recorrente em todos os relatos “sob as tendas”, é o da hospitalidade, sagrada para o nômade. Para o hóspede, a tenda era um refúgio seguro e uma garantia de proteção. Para quem hospeda, é a certeza de estar recebendo o próprio Deus, nômade com os nômades (cf. Mt 10, 40-42). Violar o direito à hospitalidade é rejeitar o próprio Deus (cf. Gn 19, 1-29; Jz 19, 1-25). Dos três personagens do relato em questão, um é identificado como Javé (cf. 18, 13-14) e os outros dois “anjos” são identificados pela tradição interpretativa do ícone como o Filho e o Espírito Santo. É o que sugere o comentário do escritor ortodoxo Paul Evdokimov:

Esta visão de Deus irradia a verdade transcendente do dogma. Da representação dos anjos de Rublev ressalta a unidade e a igualdade. Poder-se-ia confundir um com o outro. A diferença entre os anjos vem da atitude pessoal de cada um para com os outros. E não há repetição nem confusão. O ouro brilhando nos ícones designa sempre a divindade com a sua superabundância. As asas dos anjos envolvem e cobrem tudo na sua extensão, enquanto que o azul claro dos contornos interiores das asas sublinha a unidade e o caráter celeste da natureza única. Um só Deus e três pessoas perfeitamente idênticas, como exprimem os cetros idênticos, símbolos do poder real possuído por cada anjo. A maneira divina da tríplíce

---

<sup>103</sup> GEBARA, 1994, p. 34.

unidade olha para nós e supera as nossas divisões. É um apelo forte que age pela sua simples presença.<sup>104</sup>

Um segundo aspecto é o da relação de comensalidade que salta aos olhos no cálice colocado no centro da mesa e, para uma visão mais acurada, aparece nos traços circulares da cena, nos contornos dos corpos dos dois anjos laterais – também em forma de cálice – e na forma geométrica da mesa: octogonal na parte inferior, como era a concepção do formato da Terra na época, e retangular na parte superior, significando os quatro pontos cardeais. Assim, o estar à mesa das “três divinas pessoas” não significa apenas uma relação restrita, mas uma “comensalidade aberta” com as demais “humanas pessoas” e com o mundo.

Deus é fonte de amor na sua vida trinitária e o seu amor para com o mundo é apenas o espelho do seu amor essencial. A entrega de si, que nunca é carência, mas transbordamento do amor, é representada pelo cálice. Os anjos rodeiam o alimento divino. Pois as últimas restaurações da obra descobriram o conteúdo do cálice. A camada de pintura posterior representava um cacho de uvas. Mas a obra primitiva, debaixo desse retoque, apresentava um cordeiro, sugerindo uma refeição celeste (eterna): o Cordeiro foi imolado antes da criação do mundo (Apoc 13,8). [...] É impossível um conhecimento de Deus fora da comunicação entre Deus e o homem. Esta última, por sua vez, é sempre trinitária e inicia à comunhão entre o Pai e o Filho. Eis a razão pela qual o Pai nunca se revela diretamente. Ele é a Fonte. Por isso mesmo ele é Silêncio. Revela-se eternamente, mas somente pela mediação do Filho e do Espírito. O ícone mostra essa comunhão, cujo centro irradiante é o cálice.<sup>105</sup>

A este desejo profundo de comunhão, que está presente em todas as pessoas e que faz com que tudo o que existe participe do mesmo sopro de vida é o que nomeamos “paradigma trinitário” e o que a tradição cristã nomeou Santíssima Trindade. Portanto, podemos agora retomar, em comunhão de mesa e de projeto com todas as animadoras e animadores dos Grupos de Família – chão privilegiado das Comunidades Eclesiais de Base, a proclamação de fé: A Trindade Santa é a melhor comunidade de amor!

### **2.3. CEBs: a Trindade arma sua Tenda na história**

Quando as animadoras e animadores iniciam os encontros dos Grupos de Família, o fazem invocando a Trindade Santa. Esta relação entre a caminhada das CEBs

<sup>104</sup> A TRINDADE de Rublev. *Revista Bíblica Brasileira*. Fortaleza, 1984. p. 129.

<sup>105</sup> A TRINDADE de Rublev, 1984. p. 132.

e a revelação da Trindade tornou-se evidente num grande painel que acompanhou todas as celebrações do 6º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base, realizado no Santuário de Trindade, Goiás, de 21 a 25 de julho de 1986. Desde então, a expressão “A Santíssima Trindade é a melhor comunidade” tornou-se paradigmática: as pessoas comprometidas com este “jeito antigo e sempre novo de ser Igreja” - como costuma expressar-se D. Pedro Casaldáliga, bispo emérito de São Félix do Araguaia, Mato Grosso – recorrem à linguagem simbólica para adentrar o mistério da Santíssima Trindade.

Sem dúvida, as CEBs surgiram a partir das lutas por justiça das pessoas empobrecidas da América Latina, na década de 60, como expressão sorridente da comunhão trinitária. Esta expressão foi acolhida pelo Concílio Vaticano II, nos limites do catolicismo romano, quando afirma que a Igreja é “o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.<sup>106</sup> Na III Conferência Geral dos Bispos Latino-americanos, reunida em Puebla, México, em 1979, a Igreja é apresentada como “sacramento de comunhão dos homens no único Povo de Deus, peregrino na história”.<sup>107</sup> Confirmando esta opção eclesiológica pela categoria “Povo de Deus” a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil complementa: “cuja missão [da Igreja] tem sua origem e objetivo, seu caminho e condição na comunhão trinitária e na comunhão e participação entre todos os homens”.<sup>108</sup>

Na “pericórese”<sup>109</sup> das três divinas Pessoas, as Comunidades Eclesiais de Base vão buscar sua inspiração e vigor. A Trindade é fonte vital da eclesialidade das CEBs. As pessoas empobrecidas, reunidas e organizadas em suas comunidades eclesiais, descobrem o verdadeiro rosto de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e invocam a Trindade Santa na árdua tarefa de instaurar o Reino, re-inventar a Igreja e transformar a Sociedade.

### **2.3.1. Em nome do Pai: instaurar o Reino!**

No acesso teológico ao mistério trinitário, nós conhecemos a Deus Pai pela mediação do seu Filho: Jesus, o Cristo. O Deus de Abraão e de Sara, de Miriam e de

<sup>106</sup> LG, 4.

<sup>107</sup> DP, 220.

<sup>108</sup> CNBB 40, 43-50.

<sup>109</sup> Expressão grega que literalmente significa uma Pessoa conter as outras duas (em sentido estático) ou então cada uma das Pessoas interpenetrar as outras e reciprocamente (sentido ativo); o adjetivo “pericorético” quer designar o caráter de comunhão que vigora entre as divinas Pessoas.

Moisés, dos profetas e profetisas, é o Pai de Jesus. O Deus invisível e insondável, mistério profundo e originário, é revelado pela encarnação do Verbo.

A encarnação do Filho, não é nem indiferente para Deus, nem necessária à sua divindade. Se Deus é amor, então, conforme já dito, é natural que a autocomunicação amorosa se estenda não apenas ao seu Igual, mas também ao seu outro. Somente no seu outro é que o amor a torna *amor criativo*. Mas o *amor que se comunica* só passa a ser *amor feliz* quando houver *correspondência no amor*. Por isso, o Pai, na eterna correspondência do amor do seu Filho, é feliz. E se ele compartilha o seu amor pelo Filho com aquele seu outro criado, então quer ser feliz também pela correspondência desse amor. Mas essa correspondência do amor é sempre uma resposta livre. Se o Filho se faz “homem”, i. é, “imagem e semelhança de Deus”, então ele compartilha o seu amor responsivo com aqueles que foram destinados à humanidade, ou seja, à imagem e semelhança de Deus; acolhe-os na sua relação filial com o Pai, e a eles transmite a sua liberdade universal. Assim, o Filho feito-homem glorifica o Pai em seu mundo e completa a criação do homem como imagem de Deus.<sup>110</sup>

O Pai não é o conteúdo do anúncio de Jesus, mas o modelo de sua ação. A boa notícia do Reino e a práxis libertadora de Jesus nos aproximam do Deus que Jesus chama de “paizinho” (“*Abbá*” em aramaico). A grande causa do Pai é a instauração do Reino, que desencadeia um processo de transformação radical da humanidade e das estruturas sociais. O Reino do Pai foi inaugurado na prática e na pessoa de Jesus e vai se realizando na história, até que o Pai de Jesus seja o Pai de todas as pessoas humanas e toda a humanidade seja uma irmandade.

Na caminhada das CEBs, Deus aparece como Criador e Libertador, Defensor dos pobres e excluídos. O Absoluto, o totalmente Outro é, ao mesmo tempo, o Deus que ouve o grito das pessoas escravizadas, vê a sua miséria, conhece o seu sofrimento, assume a sua causa e desce para libertar (cf. Ex 3,7). Diante deste Deus, contemplação e ação, adoração e compromisso, são momentos de um mesmo relacionamento filial e comunitário.

Em Deus está a origem da vida. A vida é a inefável realidade que nos remete à fecundidade eterna de Deus Pai-Mãe. A criação e a defesa dos que têm sua vida ameaçada revelam a ternura maternal de Deus Pai. Eis a profecia revolucionária que as CEBs anunciam: Deus Pai e Mãe faz-se mais presente onde sua presença maternal-paternal é negada. Daí surge o compromisso de instaurar o Reino, como projeto de vida para todas as pessoas e toda a obra da criação.

---

<sup>110</sup> MOLTSMANN, 2000. p. 128

Como é que Jesus revela o reino que anuncia? Revela-o, segundo o epílogo da fórmula de revelação, contido em Mt 11,28s, isto é, na medida em que “se compadece” dos pobres, na medida em que chama a si os que estão aflitos e sobrecarregados e os alivia, na medida em que traz a boa-nova aos pobres, dizendo que a eles pertence o reino, e na medida em que acolhe os oprimidos na liberdade da comunhão com ele. O seu reino é o reino da “misericórdia”. Essa palavra exprime, em hebraico, a afeição e as dores da mãe para com o seu filho no seu ventre. Esse movimento corporal espontâneo é um símbolo materno. Se Deus é aquele que “tem piedade” e é “cheio de compaixão”, então a ele são conferidos os atributos da forma mais elementar do amor materno. Por isso é que a misericórdia de Deus, em Is 49,15, é comparada à compaixão de uma mãe, e a do Sl 103,13, com a compaixão de um pai para com os seus filhos. Assim, o seu reino é o reino da piedade “materna” e “paterna”, e não o da grandeza senhorial e da submissão servil. Esse é o reino que “o Filho” revela, mediante a sua fraternidade e amizade. O Deus Pai é o Senhor do reino futuro da liberdade universal, não na qualidade de dominador de todas as coisas, mas na sua qualidade de Pai do Filho Jesus. [...] Esse reino, pois, não tem nenhuma estrutura monoteísta, como sugerido pelo termo “senhorio”, mas sim uma estrutura trinitária, como evidencia a relação entre Jesus, o Filho, e o seu Pai, ao qual pertence o reino e que entrega esse mesmo reino ao Filho, para que o revele e o expanda.<sup>111</sup>

Se acreditamos que Deus é comunhão de pessoas divinas, a sua imagem e semelhança só pode se visualizada na comunhão de pessoas humanas. Por isso, o Reino é luta contra toda forma de opressão e exclusão que nega a vida e a filiação divina aos pobres, é construção de uma sociedade nova e de uma igreja re-inventada; é conquista de homens e mulheres: terra, casa, comida, solidariedade, alegria; é esperança de realização da utopia, quando, enfim, “Deus será tudo em todos”.

### **2.3.2. Em nome do Filho: re-inventar a Igreja!**

Jesus é o Filho do Pai porque nos revela quem é Deus, inaugura o projeto do Reino e nos comunica o amor paternal-maternal de Deus por todas as pessoas humanas, preferencialmente as empobrecidas e excluídas. A encarnação do Filho é obra da Trindade. Jesus é o mediador da participação de toda a criação na comunhão trinitária. A encarnação revela a densidade da humanidade de Jesus: nasceu e viveu pobre no meio do seu povo. Jesus entra na história pela porta dos fundos, de forma inesperada e

---

<sup>111</sup> MOLTSMANN, 2000. p. 84

surpreendente, pelo casebre de um carpinteiro de Nazaré, pelo lado do fraco e do explorado.

Neste contexto, Jesus anuncia o Reino: proposta de libertação e alegria (cf. Lc 7,22s). Os interlocutores privilegiados da boa-nova são aqueles que o sistema sócio-econômico-religioso empobreceu e marginalizou: doentes, mulheres, crianças, pecadores, pobres, estrangeiros... as pessoas despossuídas e expropriadas.

Por sua vida, prática e ação, Jesus torna-se um sinal de contradição dentro do mundo em que vive. Ele entra em choque com o poder político do Império Romano e religioso dos fariseus e saduceus. Por isso, é perseguido, preso, torturado e assassinado na cruz. Sua ressurreição será testemunhada pelos seus discípulos, que formarão as primeiras comunidades sob o ímpeto do Mistério Pascal. Daí nasce a Igreja, não como conteúdo primeiro da pregação de Jesus, mas como sacramento do Reino, sinal e instrumento de sua instauração.

As CEBs bebem na realidade histórica das primeiras comunidades cristãs. Através de seu testemunho, Jesus Cristo é conhecido e compreendido. A confissão de fé “Jesus é o Cristo” está em íntima relação de continuidade com a história de Jesus de Nazaré, com aquilo que Ele “disse e fez”. Portanto, a Igreja de Jesus não se faz apenas pela adesão à sua doutrina, mas pelo seguimento, pela vinculação à sua prática. Jesus não quis a Igreja como fim em si mesma, mas como meio para o anúncio, testemunho e implantação do Reino. A fé que as CEBs professam e celebram não é uma doutrina sobre a salvação, mas a palavra de Deus feita carne, espaço e tempo.

As CEBs reconhecem no Filho a grande palavra de alteridade de Deus Pai-Mãe. Deus não é solidão, mas abertura, relação que tende à comunhão. A partir deste reconhecimento, as CEBs lançam-se ao desafio de concretizar a fraternidade na Igreja e na Sociedade. Os cristãos engajados em suas comunidades dão provas concretas da possibilidade desta utopia: a partilha da própria pobreza, das limitações e das vitórias dos pobres fortalece a caminhada solidária. Nas CEBs, os pobres descobrem-se como fenômeno coletivo (classe) e como vítimas da injustiça (empobrecidos).

O sangue novo que as CEBs injetam na estrutura da Igreja lança-a para suas origens (comunhão) e para fora de si (missão). Entre rupturas e avanços, a transformação vai acontecendo: mais serviço que poder, mais testemunho que dogma, mais colegialidade que primado, mais diálogo que imposição, mais alteridade que autoridade, mais Trindade que paternidade.

A Igreja é germen e fermento do Reino, mas não o esgota em seus limites históricos. Sua missão é servi-lo no anúncio e testemunho para que realizem, na partilha, justiça e solidariedade entre os filhos e filhas, irmãos e irmãs, reflexos da comunhão trinitária.

### **2.3.3. Em nome do Espírito Santo: transformar a Sociedade!**

O Espírito Santo não é apenas o elo de amor que une o Pai e o Filho. É Pessoa, sujeito atuante na história. Tanto na língua hebraica (“*ruah*”), como na grega (“*pneuma*”), o termo espírito está ligado a processos vitais: sopro, vento, vendaval, fogo... Ele é a força transformadora de Deus na história, é a presença do próprio Deus.

No Primeiro Testamento (história do Pai), o Espírito age na criação, na atividade dos profetas, nos líderes políticos e carismáticos do povo e no servo sofredor: ungido para libertar, mediante o sofrimento, das injustiças e opressões e resgatar o direito dos pobres. No Segundo Testamento (história do Filho), o Espírito age na encarnação, no início da pregação de Jesus de Nazaré; no batismo, quando irrompe sua consciência messiânica e sua vocação libertadora; na ressurreição e no começo da comunidade eclesial em Pentecostes.

Pela sua ação na história, o Espírito caracteriza-se como uma força criadora e renovadora de todas as coisas, que impulsiona para o futuro numa dinâmica de ruptura com o estabelecido e abertura para o novo. É memória, que atualiza e prolonga a encarnação da pessoa, da prática e do projeto de Jesus na história. A libertação é obra do Espírito, ele é o “pai dos pobres”, que lhes fortalece a resistência, confirma a luta e alimenta a esperança. O Espírito é, também, princípio de diversidade e comunhão; sua presença faz surgir a criatividade dos carismas e a força da unidade.

Todas estas características confirmam a tese de que as Comunidades Eclesiais de Base são obra da ação do Espírito Santo no meio das pessoas excluídas: é a Igreja que nasce dos pobres, pela ação do Espírito!

As CEBs traduzem, entre os marginalizados, atuação renovadora, libertadora e criativa do Espírito. Ela se manifesta na irrupção dos dons, carismas e ministérios; na criatividade das celebrações litúrgicas, das devoções e dos símbolos, nas justas reivindicações e conquistas populares; na capacidade de partilha e organização; no diálogo com a Igreja e seus pastores; na paciência histórica; na “teimosa esperança”; na “fantasia criadora”... Estes reflexos da ação do Sopro Santo nas CEBs sacodem a poeira das estruturas eclesiásticas e sociais e as contaminam de inquietação e vitalidade. O

Espírito fecunda a Igreja para torná-la desejosa de mudanças e verdadeiras transformações estruturais.

O Espírito fomenta o ímpeto revolucionário e a construção da utopia. Ele faz renascer o sonho, o humor e a poesia. Ele devolve aos pobres o direito de sonhar e a possibilidade de serem protagonistas de seus próprios sonhos. Ele cria a subversão e a política, pois a transformação da sociedade somente será autêntica e duradoura se for obra dos pobres, pela ação do Espírito:

Quando os pobres se conscientizam de sua opressão, se reúnem, organizam suas forças, derrubam os tabus que os mantinham submetidos, desmascaram as normas que os estigmatizavam, denunciam profeticamente os agentes de seus grilhões, quando, obrigados ao uso da força que não desejam, se defrontam com a violência dos opressores e os derrubam de seus privilégios e de seus postos de injustiça, quando se enchem de fantasia criadora e projetam utopias de um mundo reconciliado onde todos possam comer e se abrir à gratuidade da vida, então podemos dizer: aí está o Espírito em ação e em fermentação dentro da história conflitiva.<sup>112</sup>

#### **2.3.4. Amém: comungar e adorar o Mistério!**

As Comunidades Eclesiais de Base são a concretização da Igreja sonhada por Jesus, imagem da Trindade. Enraizadas na Palavra de Deus, na fidelidade à tradição eclesial das primeiras comunidades e na realidade conflitiva em que vivem os pobres, as CEBs são um sinal visível de esperança para a Igreja toda. Em muitas de nossas comunidades, elas nascem a partir dos Grupos de Família, que começam a entender e celebrar Deus como família: Pai, Filho e Espírito Santo em eterna comunhão pericorética. Por isso, nas CEBs a Trindade Santa revela-se como projeto de irrupção de uma outra Igreja e uma outra Sociedade possíveis que, na comunhão e na participação, na justiça e na solidariedade, sejam prenúncio do Reino de Deus.

O Reino de Deus, embora encarnado na história, nunca realizar-se-á plenamente entre nós. Por isso, afirmamos que, nas CEBs, a Trindade acampa na história dos pobres, não como ponto de chegada, mas como ponto de partida para a realização do mistério que nos ultrapassa e nos pede mais adoração que compreensão, mais afeto que razão. Para o povo de Israel, a tenda significava a presença palpável de Deus (cf. Ex 40, 34-35). Um Deus peregrino que caminha com aqueles que não se conformam com a segurança da ordem estabelecida e estão dispostos a abrir novos horizontes. Para o povo

<sup>112</sup> BOFF, Leonardo. *A Trindade, a Sociedade e a Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 254

das CEBs, a tenda é símbolo do “ainda não”, da “dinâmica do provisório” que alimenta a esperança, a fantasia e o sonho. Os sem-terra, os sem-casa, os sem-emprego, os sem-saúde, os sem-escola, os sem-direitos, entendem muito bem a linguagem deste símbolo.

Por fim, as CEBs irrompem nas periferias de uma Igreja estabilizada e estabelecida em pesadas estruturas. As CEBs são o lugar privilegiado onde Deus Pai-Mãe; por Jesus, o Cristo; arma sua tenda entre as pessoas empobrecidas e excluídas que, animadas pela dinâmica criativa do Espírito, esperam e constroem um “outro mundo possível”, até que venha o Reino de Deus, espaço e tempo derradeiro de “glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”.

### **III - PARTICIPANDO NA CONSTRUÇÃO DE UMA IGREJA E DE UMA SOCIEDADE SEM EXCLUSÕES**

#### **1. Re-inventando um novo jeito de ser Igreja**

A Festa Diocesana das Tendas, desde sua origem em 1997, tinha por objetivo, além de celebrar a caminhada do Povo de Deus na diocese de Lages, explicitar uma opção eclesiológica: o jeito de ser Igreja CEBs, Comunidade Eclesial de Base. Por isso, no decorrer destes treze anos, há que se ter uma atenção para que não se percam as motivações e intencionalidades que estão, por assim dizer, no “código genético” desta festa. Neste capítulo, trataremos de alguns aspectos constitutivos da eclesialidade das CEBs na diocese de Lages e o seu vínculo com a celebração da Festa das Tendas.

As Diretrizes e Orientações da Ação Evangelizadora, aprovadas na 30ª Assembléia Pastoral Diocesana, no dia 15 de dezembro de 2009, confirmaram uma expressão corrente entre as lideranças das comunidades nos últimos anos: O rosto CEBs de nossa Igreja diocesana é formado por seis faces: participativa, celebrativa, ministerial, missionária, ecumênica e sócio-transformadora.

A prática histórica da Festa das Tendas, está possibilitando a re-invenção de um novo jeito de ser Igreja e a ressignificação deste rosto das Comunidades Eclesiais de Base que retomaremos em suas “seis faces”:

- Uma Igreja Participativa aponta para o caminho de superação de todas as exclusões: a participação. A lógica da exclusão, na Sociedade e na Igreja se dá pela expropriação dos direitos. Assim, o fato de participar, devolve às pessoas e grupos a condição de protagonistas e assegura a cidadania. Portanto, quando a Igreja chama para si o qualificativo de participativa, está também assumindo a sua responsabilidade cidadã. Na diocese de Lages, a superação da lógica de exclusão se dá pela partilha. Partilhar é um jeito

de participar e é também uma das características mais marcantes da Festa das Tendas. Uma festa onde não se compra e não se vende nada: eis o que mais se comenta e experimenta no decorrer de todas as festas. Nestes tempos onde o mercado é a medida de todas as coisas e as pessoas são classificadas pela sua capacidade de produção e consumo, afirmar “a partilha do que somos, temos, sabemos e podemos” como proposição ética, significa também propor uma alternativa para a vida das pessoas, da sociedade e do planeta.

- Uma Igreja Celebrativa manifesta-se na prática da comunhão de mesa e da comensalidade aberta, numa relação de fidelidade ao movimento de Jesus e ao testemunho das primeiras comunidades cristãs.

Na Festa das Tendas esta dimensão explicita-se concretamente na partilha do alimento. Realiza-se o que Marcel Maus teoriza em seu Ensaio sobre a Dádiva: “Está na natureza do alimento ser partilhado; não o partilhar com o outro é ‘matar a sua essência’, destruí-la para si e para os outros.”<sup>113</sup> Numa sociedade marcada pelo acúmulo e pela concentração de riquezas, dar gratuitamente um prato de comida, sem esperar retribuição, pode ser um gesto pequeno, mas está carregado de uma grandeza que a razão humana não consegue mensurar.

- Uma Igreja Ministerial situa-se na mesma linha da partilha. Aqui, no entanto, não se trata do alimento partilhado, mas do poder compartilhado. Neste aspecto, a Festa das Tendas aponta para um desafio ainda não resolvido. Desde o início, a Tenda da Palavra esteve relacionada com o ministério da benção, da partilha de palavras boas, palavras que aquecem o coração e podem curar as feridas. Esta tenda é, sem dúvida, a mais freqüentada, durante a festa. E, talvez por isso, ela levanta uma questão: Quem tem o poder de “dar” a benção? Como esta pergunta não é feita por quem recebe a benção, mas por quem, arroga para si o privilégio de distribuí-la, manifesta-se aqui uma tensão entre ministério e magistério. Neste caso, dar é manifestar superioridade, ser mais, estar mais alto, ser “*magister*”; aceitar sem retribuir ou sem retribuir mais, é subordinar-se, tornar-se paciente e servidor, entrar na fila e tornar-se pequeno, estar abaixo, ser “*minister*”. Quando tivermos a coragem de enfrentar este conflito que se explicita na Festa das Tendas, mas que está implícito em muitas de nossas práticas eclesiais, poderemos dizer que somos, verdadeiramente uma Igreja Ministerial, a Igreja do avental e do lava-pés. (cf. Jo 13, 1-17)

---

<sup>113</sup> MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70.1974, p. 161.

- Uma Igreja Missionária, é uma Igreja que não se fecha em si mesma, mas que se abre para o anúncio e o testemunho da pessoa e da prática de Jesus, o Cristo. É uma Igreja que se deixa mover pelo Espírito do Ressuscitado, aquele que faz novas todas as coisas. Nas reflexões sobre as origens do cristianismo, comumente faz-se referência às igrejas nas casas. A Festa das Tendas propõe um rompimento com a possível segurança das casas e dos templos e aponta para um retorno à precariedade da tenda, pois os cristãos não encontram neste mundo uma morada permanente. O ímpeto missionário cria uma Igreja sem fronteiras: de tenda em tenda, de acampamento em acampamento, segue anunciando a profecia do Reino, do qual toda Igreja é servidora. Assegurar a itinerância da Festa das Tendas, possibilitando que seja realizada em diferentes regiões paroquiais e comunidades paroquiais é uma forma de explicitar esta dimensão missionária.

- Uma Igreja Ecumênica realiza-se na abertura ao diálogo respeitador das diferenças e na superação de toda forma de proselitismo e fundamentalismo. Esta é uma Igreja que se propõe “alargar o espaço de sua tenda” e acolher a riqueza do múltiplo e do diferente. É uma Igreja que, consciente da sua identidade, apresenta-se como “igreja com letras minúsculas” porque maiúsculo é o desejo de Jesus: “Que todos sejam um, para que o mundo creia...” (cf. Jo 17, 20-21). Na Festa das Tendas esta é uma das dimensões que precisa ser mais explicitada. A participação de pessoas de outras igrejas cristãs e diferentes tradições religiosas ainda não foi suficientemente visibilizada. Portanto, permanece o desafio da construção da unidade e da superação gradativa dos preconceitos e discriminações.

- Uma Igreja Sócio-Transformadora é uma Igreja que assume sua missão profética, anunciando com palavras e gestos a boa-notícia de Jesus aos pobres. Desde a profecia de Isaías, comida farta e abundante é sinal dos tempos messiânicos (cf. Is 25, 6-8). Na Festa das Tendas, de certa forma, antecipa-se esta alegria de um tempo sem fome, sem pranto e sem dor. É festa na verdadeira acepção da palavra. Na profecia, o anúncio vem acompanhado de denúncia. A multidão de pessoas famintas e excluídas do banquete da Vida é resultado de um sistema de exclusão e injustiça. Assim, a Igreja assume também sua missão de diaconia samaritana, tornando-se próxima dos que estão “feridos e assaltados” à beira do caminho. Em todas as edições da Festa das Tendas, muitas comunidades expõem suas iniciativas na linha da solidariedade e da construção da cidadania. Uma prática que se tornou comum nos últimos anos diz respeito ao cuidado com a “nossa casa comum” no sentido de evitar ao máximo a produção de lixo. Na preparação da festa, cada pessoa é

conscientizada a levar pratos, copos e talheres não descartáveis. O cuidado com a Vida em todas as suas manifestações tem sido tema recorrente nas festas diocesanas e também naquelas que se realizam nas comunidades paroquiais. Nesta mesma linha, é visível na realização da Festa das Tendas a preocupação com campanhas e articulação com movimentos sociais, como o Mutirão de Combate à Fome e à Miséria, o Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral e o Movimento Estadual pela Criação da Defensoria Pública.

A proposta de re-invenção da Igreja, compromisso das CEBs na diocese de Lages celebrado em cada edição da Festa das Tendas, é uma proposta de atualizar nesta pequena porção do Povo de Deus que vive na região serrana de Santa Catarina, o testemunho das primeiras comunidades cristãs. Neste testemunho percebemos que a “multidão” dos que recebem o anúncio da Ressurreição torna-se “comunidade” quando decide partilhar os seus bens, para que ninguém passe necessidade. Esta é a garantia incontestável da eclesialidade das CEBs, eventualmente questionada em alguns meios teológicos e eclesiais. Tomando o cuidado de não incorrer numa apologética inconseqüente, na Festa Diocesana das Tendas, a diocese de Lages encontrou seu rosto eclesial: uma Igreja que sendo Comunidade Eclesial de Base recupera o que há de mais original na Igreja: a lógica da participação comunitária e a prática da partilha como vivência radical do seguimento de Jesus e do seu Evangelho.

## 2. Re-criando um novo contrato social

O historiador Eduardo Hoornaert, ao tratar das primeiras comunidades cristãs defende a tese de que o sucesso do cristianismo no decorrer do século II muito tem a ver com a luta pela cidadania. Segundo ele, a “vitória do cristianismo” não está relacionada, primeiramente, ao martírio, à santidade, aos milagres ou à evangelização, mas à criação de uma rede de partilha e solidariedade entre as populações marginalizadas da sociedade romana. Resistindo ao encanto de sucessivos levantes contra o Império Romano, “os seguidores de Jesus preferem projetos concretos, mini-utopias realizáveis”,<sup>114</sup> como o serviço de hospitalidade dos que vinham do Oriente procurar trabalho na grande cidade, a comunhão de mesa, os alimentos compartilhados com as viúvas e os órfãos, o *depositum pietatis*, uma caixa comunitária para situações de urgência, as visitas aos doentes e presos, a acolhida dos escravos, o sepultamento dos falecidos. Agindo assim, as

---

<sup>114</sup> PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 90.

“sinagogas dissidentes” do movimento cristão abrem as portas para todos, preferencialmente às vítimas da perseguição e da miséria.

É sobretudo junto às pessoas sem cidadania romana, os assim chamados “estrangeiros” ou *paroikoi* (gente sem terra, sem cidadania, sem posição social reconhecida. Daí vem o termo “paróquia”), que as comunidades cristãs agem. Dão-lhes um sentimento de pertença, de dignidade e de identidade social. A primeira *Carta de Pedro* expõe essa função social do cristianismo, assim como fazem outros textos, como *Não se esqueçam da hospitalidade* (Hebr 13, 2). Os modelos bíblicos são Abraão, Lot e Raab, “salva por causa de sua fé e hospitalidade” (1Clem 10, 37). É o mesmo que dizer: “não se pode servir a dois senhores” (Mt 6, 24). O estrangeiro é o “dono” da comunidade, a casa é dele. Um grupo social particularmente beneficiado é o das viúvas e dos órfãos. O cuidado com ambos é uma herança direta da sinagoga, que mantém ao longo dos séculos uma impressionante estrutura de amparo à viuvez e à pobreza em geral. [...] Uma carta atribuída ao apóstolo Tiago, e que circula na Síria pela virada do século II, define a religião “pura e imaculada” da seguinte maneira: “visitar órfãos e viúvas em suas necessidades e guardar-se livre da corrupção deste mundo” (1, 27).<sup>115</sup>

Confirmando sua tese, Hoornaert desconstrói o que chama de “falsa imagem das origens cristãs” e conclui que a “vitória do cristianismo” nos primeiros séculos deve-se a uma atuação persistente e corajosa na base do edifício social e político da sociedade (no “submundo romano”) e não à pregação de seus apóstolos ou bispos, nem ao testemunho destemido de mártires, à santidade de seus heróis, às virtudes nem aos milagres de seus santos. A ousadia do historiador abre uma possibilidade de diálogo, desde as origens, entre as CEBs e todas as forças sociais organizadas que engendram um novo contrato social.

As teorias do contrato social surgem como metáforas fundadoras da racionalidade social e política da modernidade ocidental. Salvaguardando suas diferenças, elas convergem em três aspectos: a superação do estado natureza e a redução desta a ameaça ou recurso; a cidadania territorialmente fundada e a exclusão de mulheres, estrangeiros, imigrantes e minorias étnicas; a supremacia do interesse público a despeito dos interesses pessoais e da vida privada. Nas últimas décadas, estas teorias entraram em colapso pela emergência de uma lógica cruel de exclusão social provocada

---

<sup>115</sup> PINSKY, 2003. p. 92

pelo neoliberalismo que colocou em crise os assim chamados “valores da modernidade”: a liberdade, a igualdade, a autonomia, a subjetividade, a justiça e a solidariedade.

A urgência de um novo contrato social, defendida por autores como Boaventura de Sousa Santos, exige a neutralização da “lógica de exclusão” que naturaliza a coexistência de “ilhas de inclusão” em vastos “arquipélagos de exclusão” e cria novos estados de natureza fundados na violência e na barbárie.

Trata-se de um contrato bastante diferente do da modernidade. É antes de mais um contrato muito mais inclusivo porque deve abranger não apenas o homem e os grupos sociais, mas também a natureza. Em segundo lugar, é mais conflitual porque a inclusão se dá tanto por critérios de igualdade como por critérios de diferença. Em terceiro lugar, sendo certo que o objectivo último do contrato é reconstruir o espaço-tempo da deliberação democrática, este, ao contrário do que sucedeu no contrato social moderno, não pode confinar-se ao espaço-tempo nacional estatal e deve incluir igualmente os espaços-tempos local, regional e global. Por último, o novo contrato não assenta em distinções rígidas entre Estado e sociedade civil, entre economia, política e cultura, entre público e privado. A deliberação democrática, enquanto exigência cosmopolita, não tem sede própria, nem uma materialidade institucional específica.<sup>116</sup>

A re-criação de um novo contrato social não é tarefa apenas da sociologia e da ciência política. É também compromisso da teologia e da pastoral. E, neste compromisso, as CEBs podem dar uma contribuição valiosa, não apenas para a Sociedade, mas também para a Igreja. A Festa das Tendas visibiliza este compromisso na construção de uma Igreja e de uma Sociedade que superem a lógica da exclusão, não apenas pela efetivação de uma cidadania plena, mas de uma cidadania planetária, sobretudo nestes tempos onde as grandes catástrofes ambientais chamam a atenção para o futuro do planeta. A cidadania, eclesial e social, se dará na luta pela diferença quando a igualdade nos homogeneiza e pela igualdade quando a diferença nos inferioriza. Neste sentido, os processos de inclusão serão processos de participação e de radicalização da democracia. Além da lógica da exclusão, faz-se necessário superar a democracia representativa, sustentáculo do Estado burguês, e intensificar os esforços pela democracia participativa e redistributiva, transformando o Estado em “novíssimo movimento social”, como afirma Boaventura de Sousa Santos. Esta nova configuração do

---

<sup>116</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reinventar a Democracia*. Lisboa: Gradiva. 1998. p. 46-47.

Estado não pode prescindir da participação de todos os atores sociais e, exatamente neste aspecto, as CEBs aparecem com grande força articulada a tantas outras forças sociais. É imprescindível que, a partir das CEBs, a Igreja assuma seu comprometimento político com o fortalecimento das organizações e movimentos populares, a formação de militantes nos conselhos de políticas públicas e a presença efetiva da sociedade civil nos espaços de deliberação e controle social.

## CONCLUSÃO

A opção eclesiológica da Diocese de Lages pelo jeito de ser Igreja Comunidade Eclesial de Base (CEBs), remonta ao fim dos anos de 1970. Eram tempos de grande efervescência pastoral, de fortes compromissos sócio-políticos que, muitas vezes são lembrados com um misto de suspeição e de nostalgia.

A Festa Diocesana das Tendas iniciou em 1997, depois de uma grande caminhada de formação bíblica nas comunidades da diocese de Lages e tinha por objetivo celebrar o Ano Bíblico com uma grande concentração diocesana. Já eram tempos de refluxo e esfriamento das proféticas opções vividas na década anterior. O que se viu, a partir de então, foi um revigoramento e uma visibilidade cada vez mais crescente das CEBs como rosto próprio da Igreja Diocesana. Se as Assembléias Pastorais da década de 1970 “batizaram” as CEBs e as acolheram como novo jeito de ser Igreja na diocese de Lages, a Festa das Tendas celebrou a sua “confirmação” e fortaleceu sua aliança com todas as pessoas e grupos que lutam pela dignidade humana e pelo cuidado com a Vida.

O resgate da memória histórica da Festa das Tendas na diocese de Lages e na caminhada do povo da Bíblia possibilitou o entendimento da escolha feliz por esta forma de celebração. Fazer festa, reunir-se para partilhar a comida e a bebida, acolher as pessoas que chegam, contar e cantar histórias, costurar colchas de retalhos, dar e receber bênçãos, são elementos fundamentais para entender a antropologia do povo serrano e a sua disposição para superar as dificuldades da vida com alegria e gratuidade.

Não resta dúvida que este jeito de fazer festa visibiliza um jeito de ser Igreja e questiona as outras festas religiosas, muitas vezes influenciadas pela lógica do mercado e movidas pela necessidade de lucrar, ainda que seja para manter as estruturas eclesiais. A respeito disso, o viver e celebrar em tendas sempre será um questionamento

para todas as formas de segurança que estabelecemos como necessárias para manter os projetos de evangelização. Muitas estruturas estão aí, e precisam ser mantidas. No entanto, há que se perguntar sempre a que projeto de Igreja elas estão servindo e, principalmente, se o testemunho das mesmas aponta para o Reino.

A celebração da Festa das Tendas, traz para dentro das comunidades a discussão sobre uma outra ética cristã, fiel ao movimento de Jesus e ao testemunho das primeiras comunidades cristãs. Trata-se de uma ética de sobriedade e simplicidade, de provisoriedade e precariedade, de vivência do necessário para que ninguém passe necessidade. Esse cuidado essencial com a vida das pessoas se amplia para práticas mais abrangentes de cuidado com a Vida em todas as suas manifestações. Neste sentido, a Festa alarga o espaço de sua tenda para outros engajamentos políticos, sociais e econômicos. Há que se cuidar para que o centro da festa nunca seja deslocado do cuidado com as pessoas mais empobrecidas. Da mesma forma, deve ser intensificada a profecia de uma outra relação com o planeta Terra.

Para garantir-se a prática da comensalidade aberta, as tendas precisam ser, verdadeiramente, tendas. Espaços abertos, circulares, que facilitem o livre trânsito, a comunicação e a comunhão de mesa. Não podem ser barracas de produção e distribuição de comida, mas tendas de acolhida afetuosa, diálogo prazeroso e convivência fraternal-sororal. Da partilha do alimento, sem carência nem esbanjamento, abre-se um canal de discussão com uma outra economia possível, fundada na partilha, na justiça e na solidariedade. Na Festa das Tendas visibiliza-se uma Igreja da Partilha, em dois aspectos: a partilha como compartilhar, isto é, como um dar e receber, uma relação de troca e permuta; a partilha como doação sem retorno, como um dar sem esperar retribuição imediata, uma relação de gratuidade.

Por fim, a celebração da Festa das Tendas torna visível a utopia do Reino de Deus, no horizonte da construção de uma Igreja e uma Sociedade sem exclusões. E, neste sentido, este trabalho possibilitou uma descoberta fundamental para a nossa prática pastoral. Não basta incluir, mantendo a lógica de exclusão. É preciso construir caminhos efetivos de participação social e eclesial que garantam o exercício de uma cidadania ativa, plena e planetária. Este é o sonho de Deus Trindade, comunhão das três divinas pessoas, para a Igreja e a Sociedade: uma tenda que se alarga, simples, provisória e acolhedora, para quem caminha na esperança, confia na graça de Deus como única e necessária necessidade e

acolhe a Palavra que diz: “saíamos do recinto sagrado para ir ao encontro de Jesus, carregando a humilhação dele. Pois nós não temos aqui a pátria definitiva, mas buscamos a pátria futura” (Heb 13, 13-14).

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Mansamente pastam as ovelhas*. Campinas: Papirus, 2002.
- AVRIL, Anne-Catherine; MAISONNEUVE, Dominique de La. *As festas judaicas*. Tradução de José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1997.
- A TRINDADE de Rublev. *Revista Bíblica Brasileira*. Fortaleza, 1984. p. 129.
- BÍBLIA SAGRADA – Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- BOFF, Leonardo. *Princípio de compaixão e cuidado*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOFF, Leonardo. *Comensalidade: refazer a humanidade*. Disponível em: <http://alainet.org/active/23567&lang=es>. Acesso em: 20 jan. 2009.
- BOFF, Leonardo. *A Trindade, a Sociedade e a Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOSSETI, Elena. *A tenda e o bastão: figuras e símbolos da pastoral bíblica*. Tradução de Floriano Tescarolo). São Paulo: Paulinas, 1995.
- COELHO, Antonio Carlos. *Encontros marcados com Deus: expressão da unidade do povo de Deus: as festas judaicas e o cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *A Santíssima Trindade: um tema para a reflexão das comunidades cristãs no jubileu do ano 2000*. *REB*. Petrópolis: Vozes, n. 239, set/2000.
- CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do Cristianismo – O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas. 2004.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico – A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro, Imago. 1994.
- CROSSAN, J. D. *Jesus, uma biografia revolucionária*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- DALAI LAMA, Sua Santidade. *A bondade do coração*. Portugal: Asa, 1997.
- DA MATTA, Roberto. *Sobre o simbolismo da comida no Brasil*. *O Correio*, São Paulo, n.15,jul.1987.
- DI SANTE. Carmine. *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. Tradução de João Aníbal Garcia Soares Ferreira. São Paulo: Paulus, 2004.
- DREHER, Carlos A. *Festas bíblicas*. São Leopoldo: Contexto, 2005.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2000.

- GAEDE NETO, Rodolfo. As comunhões de mesa de Jesus e a Ceia do Senhor. *Tear*, São Leopoldo, n. 16, p. 3, 2005.
- GEBARA, Ivone. *Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista*. São Paulo: Paulinas. 1994.
- GODBOUT, J.T. Introdução à dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 13, n. 38, p. 39-50, 1998.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo, parte I*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- KROEMER, Gunter. CEBs e as religiões indígenas. In: *Do ventre da Terra, o grito que vem da Amazônia*. São Paulo: Paulus, 2008.
- LÉON-DUFOUR, Xavier et al. *Vocabulário de teologia bíblica*. Tradução de Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 1977.
- MARTIRANI, Giuliana. Verso una civiltà della tenerezza. In. SOZZI, Maria A. *Responsabilità e Tenerezza: percorsi biblici e teologici*. Milano: Ancora. 2001.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre Dádiva*. Lisboa: Edições 70. 1974.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. Tradução de Álvaro Cunha et al. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1983.
- MILAZZO, M. Il vocabolario biblico della tenerezza. In. SOZZI, Maria A. *Responsabilità e Tenerezza: percorsi biblici e teologici*. Milano: Ancora. 2001.
- MOLTMANN, Jurgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. (tradução de Ivo Martinazzo). Petrópolis: Vozes, 2000.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. Amazonas: mulheres unidas pela cintura! In.: *Do ventre da Terra, o grito que vem da Amazônia*. São Paulo: Paulus, 2008.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 90.
- ROCCHETTA, C. *Teologia da ternura: um "evangelho" a descobrir*. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reinventar a Democracia*. Lisboa: Gradiva. 1998.
- SOBRINO, J. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1994.
- VAN DEN BORN, A. *Dicionário enciclopédico da bíblia*. Tradução de Frederico Stein. 2.ed. Petrópolis: Vozes. 1977.

## ANEXO

### A História da Festa das Tendas

Tenda para o Povo de Deus,  
na Escritura Sagrada  
é o símbolo da vizinhança,  
da acolhida e do aconchego,  
do irmão e irmã pedindo arrego,  
da espera sem tardança  
do descanso dos filhos seus  
do reforço da esperança.

É a criança, o jovem,  
o pai, a mãe, o filho e a filha,  
reunidos em família,  
abrindo a porta de sua tenda,  
para o encontro, celebração,  
repartindo a merenda  
num abraço caloroso de cristão.

Festa das Tendas  
celebrada na passagem  
para um novo ano  
antes, chamada “das colheitas”  
não é miragem,  
hoje é o grito suburbano  
para tirar as vendas  
das esperanças desfeitas  
de um povo “araucariano”!

São comunidades alegres e sofridas,  
de toda parte, a cada ano,  
neste mundo incrível;  
são “bazares” de vidas,  
crentes num “outro mundo possível”  
sonham com um mundo mais humano,  
e se orgulham, em versos e cantigas:  
*“Somos o povo serrano!”*

E foi no pátio do antigo seminário,  
em novembro de 97  
o palco de um grande cenário:  
*“Eu vos anuncio com grande alegria e coração:  
A Festa das Tendas!”*  
foi a grande motivação.

Neste Ano Bíblico  
que a diocese vivia

convidava as comunidades  
ao memorial de suas histórias  
e em cada fato ou fotografia  
partilhava em Cristo Jesus,  
suas lutas e vitórias.

Neste ano de 97, a partilha  
era iluminada  
pela Palavra Sagrada,  
dava esperança e convidava  
as CEBs-Grupos de Família  
em versos a cantar:  
*“A palavra de Deus  
faz o sonho do povo brilhar!”*

Em novembro de 98  
ainda no pátio do antigo seminário  
com café, almoço e merendas  
foi celebrada a segunda  
Festa das Tendas.  
O casarão como cenário  
o povo de Deus partilhava  
com pujança:  
*“Juventude a serviço  
da vida e da esperança!”*

E a diocese no final da tarde  
no sacrifício de Jesus,  
celebrava com solicitude  
com cantos e hinos de liberdade  
exigindo mudanças de atitude,  
o Ano Diocesano da Juventude.

O lema do ano dois mil  
Para todos valeu:  
*“É jubileu!”*  
Comemorando com muito charme  
*“O verbo se fez carne”*  
Todos bradam numa só voz:  
*“Armou sua tenda entre nós”*  
Festejando sua história...  
*“E estamos vendo a sua glória!” (Jo 1,14)*

Em dois mil e um  
no Ano Missionário Diocesano  
envolvida numa missão contínua  
testemunho e trabalho insano  
a diocese não se cansa de anunciar,  
cantando a muitas vozes:  
*“Aqui você tem lugar!”*

“Servir a vida na solidariedade”  
 em dois mil e dois foi o tema.  
 Todos lembram com saudade  
 e unidos como a clara e a gema,  
 dentro da *“Casa do Pão:*  
*Aqui você tem lugar!”*  
 A diocese cantou este lema  
 Porque a tenda tem coração.

Em dois mil e três,  
 no Ano Vocacional Diocesano,  
 a diocese se vestiu com fino pano:  
 foi declarado aberto o Ano Jubilar  
 de 75 anos de instalação.  
 As vocações despertadas,  
*“Para um outro mundo possível”*  
 E bastante valorizadas  
 dentro deste mundo sofrível.

E todas as lideranças  
 ouviram o clamor diocesano,  
 abençoado seja este ano  
 num agradecimento sincero  
 por tantas novas esperanças,  
 pelas graças primeiras e segundas:  
*“Avancem para águas mais profundas!”*

Lá atrás daquele morro  
 passa gente de todo jeito,  
 e na nossa diocese  
*“Corram como água,*  
*a justiça e o direito!”*  
 Neste tempo tão atroz  
 A Senhora dos Prazeres  
 vai conosco  
 e *“O Espírito do Senhor*  
*está sobre nós!”*  
 E para todos sem parar,  
 foram estes o lema e o tema  
 neste Ano Jubilar.

Estamos em dois mil e cinco  
 em pleno Ano Eucarístico  
 é na Cidade Alta,  
 sem canseiras e emendas,  
 a 9ª. Festa das Tendas.  
*“Eucaristia, diretrizes*  
*e orientações diocesanas”*  
 É o povo, nossas raízes e guias,  
 para os “Joãos” e “Marias”

É o Pão Sagrado que sustenta  
 A vida que nos resta,  
 dá-nos força e alimenta,  
 foi o tema desta festa.

Aos pés da Senhora dos Prazeres,  
 cantando, juntos, nossa lida  
 com nossos causos e dizeres,  
*“Recriando toda a vida”,*  
 Com joelhos em adoração:  
*“na partilha da Palavra e do Pão!”*  
 Do alto pareciam anjos em cena  
 Pois foi este o nosso lema.

E novamente na Paróquia São Cristóvão,  
 neste ano de 2006,  
*“Esta é a nossa hora!”*, nossa vez,  
 de mostrar fidelidade  
*“no seguimento e na missão de Jesus”*  
 celebrar a presença do Menino Deus,  
 nascido num casebre pobre e tosco:  
 a alegria de um *“Deus conosco!”*

Neste mundo cibernético  
 onde a vida precisa  
 de um ponto de referência,  
 no encontro de catequese  
 uma luz suaviza.  
 O fraco corre patético  
 gritando por assistência:  
 Andemos à Festa das Tendas  
 celebrar o Ano Catequético.

Entendam, a Festa das Tendas,  
 é um grito de conversão,  
 a todos, sem exclusão.  
 Construam na Igreja diocesana  
 e na sociedade serrana,  
 uma tenda sempre aberta  
 para acolher quem passa,  
 sem distinção de credo e raça.  
 Aproveitem: *“Esta é a nossa hora!”*  
*“Para que ninguém precise ir embora!”*

(OLIVEIRA, José Euclides. **Jornal Caminhada**. p. 6-7, dez./2006)